Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.1001
ESTUDOS BÍBLICOS

A delimitação de imagens na exegese bíblica

Image delimitation in Biblical Exegesis

Silas Klein Cardoso*

* Pesquisador no Instituto de Estudos Judaicos da Universidade de Berna, Berna, Suíça. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Pós-doutor em Antigo Testamento pela Universidade de Berna e em História das Religiões e Religiões Comparadas pela Universidade de Zurique.
silasklein@gmail.com

Recebido em: 02/04/2023
Aprovado em: 06/06/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

O artigo apresenta um panorama inédito dos mecanismos e quadros conceituais envolvidos na seleção de imagens e textos para comparações interartísticas com a Bíblia, *i.e.*, para abordagens cujo objetivo principal é a explicação de aspectos da Bíblia e seu contexto a partir da comparação sistemática entre códigos verbais ("textos") e não-verbais ("imagens"). Refletindo sobre estudos de caso e em diálogo com diferentes perspectivas metodológicas da história da pesquisa, o artigo propõe a distinção entre a dimensão teórica (passiva, dos pressupostos) e metodológica (ativa, ou da prática) da "delimitação de imagens". Enquanto o pano de fundo conceitual e a similaridade/dissimilaridade do que será comparado são definidos pelos pressupostos e princípios de pessoas pesquisadoras, os problemas e questões de pesquisa são centrais na decisão por um método para seleção de comparanda (o que está para ser comparado) e a seleção de fato de comparata (o que foi comparado). Como dispositivo heurístico, a distinção dessas dimensões leva à duas hipóteses: (1) fatores epistemológicos, biográficos, institucionais e outros desempenham um papel fundamental na seleção de material mesmo quando não são explicitamente declarados ou refletidos; (2) desequilíbrios entre pressuposições e ações restringem um número significativo de comparações a "comparações de códigos", *i.e.*, a justaposições que não se engajam totalmente com os artefatos enquanto artefatos e tampouco com seus contextos, sejam tais contextos arqueológicos ou comunicativos. Ademais, a apresentação das diferentes estratégias de emparelhamento de evidências visuais e textos bíblicos e de suas diversas pressuposições pode ser vista como introdução metodológica à exegese interartística.

Palavras-chave: Delimitação de imagens. Abordagens interartísticas à Bíblia. Métodos exegéticos comparativos. Exegese iconográfica. Iconografia bíblica.

Abstract

The article offers for the first time a look at mechanisms and frameworks involved in selecting images and texts in interartistic comparison with the Bible, *i.e.*, in approaches to the Bible whose primary aim is the explanation of aspects of the Bible—including its context—from the systematic comparison between verbal ("texts") and non-verbal codes ("images"). Reflecting on case studies and in conversation with different methodological takes on the

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

issue in earlier scholarship, the article suggests the existence of two dimensions of 'image delimitation', a passive and an active dimension. While the conceptual background and the commonality/dissimilarity of comparanda (what is to be compared) are set by the researchers' premises and tenets, the research problems and questions are pivotal in deciding on a method and the actual selection of comparata (what is compared). As a heuristic device, the distinction of the dimensions of image delimitation leads to at least two hypotheses: (1) epistemological, biographic, institutional, disciplinary, and other factors play a pivotal role in the selection of material even when they are not explicitly stated or reflected; (2) unbalances between assumptions and decisions restrict a significative number of scholars to 'code comparisons,' *i.e.*, juxtapositions that are neither fully engaging with artifacts as such, nor with their contexts, be they archaeological or communicative. Furthermore, the presentation of the different strategies for pairing visual evidence and biblical texts and their various presuppositions can be seen as a methodological introduction to interartistic exegesis.

Keywords: Image delimitation. Interartistic Approaches to the Bible. Exegetical Comparative Methods. Iconographic Exegesis. Biblical Iconography.

1 Introdução

É de conhecimento comum que o estabelecimento de uma unidade literária é um passo essencial e primário da exegese bíblica. Nas últimas décadas, a delimitação (*abgrenzung*) e a estruturação de textos (*gliederung*) obtiveram um desenvolvimento notável graças à chamada "crítica da delimitação" (KORPEL, 2000, p. 13; veja também KORPEL; OESCH, 2000, 2002, 2003, 2005; KORPEL; OESCH; PORTER, 2007)[1]. Essa abordagem empírica reavalia as evidências colométricas[2] para determinar como as pessoas leitoras e escritoras da antiguidade entendiam unidades textuais através (a) da comparação sistemática de diferentes manuscritos e textos[3] (b) e da avaliação do desenvolvimento histórico de notações manuscritas e marcadores de diagramação (para o método, veja KORPEL,

[1] A delimitação de perícopes é tão antiga (PENKOWER, 1998, 2000) quanto tradicional na exegese (STECK, 1998, p. 52, 102-108; SILVA, 2000, p. 67-77; UTZSCHNEIDER; NITSCHE, 2008, p. 277; MEHRING, 2017, p. 44-46), e geralmente implica a análise da in/coerência de unidades textuais. O estudo seminal de Josef M. Oesch (1979) nas *setumot* e *petuḥot* foi fundamental ao sonhar com uma *Gliederungskritik* ("crítica da estruturação"). Marjo C. A. Korpel (2000, p. 13) propôs no final dos anos 1990 sua "crítica da delimitação", expandindo a proposta de Oesch para compreender também unidades textuais menores. A tarefa, que contrasta com a tradicional prática filológica de delimitar perícopes se beneficia da ideia de uma crítica empírica (TIGAY, 1985; PERSON; REZETKO, 2016) para considerar criticamente práticas de leituras implícitas nos marcadores textuais de manuscritos antigos.

[2] Análise colométrica remete ao estudo dos marcadores que determinam os limites de um enunciado na prosa ou poesia. Na poesia hebraica, um "cólon" (do grego κῶλον [sing.]/ κῶλα [pl.]), remeteria a uma sequência de texto que deve ser recitada ou cantada em um só fôlego (RENZ, 2003, p. 7).

[3] A distinção entre manuscrito e texto remete à distinção semiótica entre tipo e instância (eng. *token*). Por "manuscrito", eu faço referência à instanciação material ou réplica de um tipo de texto (veja *e.g.* NÖTH, 2019, p. 229-230).

2000, p. 23-48; MOOR, 2000, p. 158-160; OESCH, 2000). O objetivo da prática é reduzir o peso de valorações e juízos modernos na delimitação de unidades textuais para desvendar o sentido das divisões textuais ancestrais (TOV, 1998).

A referência à crítica da delimitação acima foi feita para contrastá-la a uma prática análoga, a qual ludicamente chamarei de "delimitação imagética". Nos últimos cinquenta anos, estudiosas e estudiosos da Bíblia utilizaram vestígios visuais do antigo Oriente Próximo e do sul do Levante para, através da comparação sistemática de textos bíblicos, iluminar interpretações e explicar aspectos do chamado mundo bíblico. A abordagem exegética chamada "exegese iconográfica" em círculos internacionais e "iconografia bíblica" em países de fala alemã (KLEIN CARDOSO, 2021a, 2023a)[4], também possui a delimitação como um de seus primeiros passos, por sua inspiração na iconologia de Erwin Panofsky (1955; para sua aplicação na exegese, veja KEEL, 1992a, p. 267-272; HULSTER, STRAWN; BONFIGLIO, 2015, p. 36-38). Enquanto metodologia visual orientada por problemas, a iconologia implica a formulação de perguntas de pesquisa, a compilação de um *corpus* de dados visuais e a aplicação das três famosas etapas de interpretação (MÜLLER, 2011, p. 284)[5]. Contudo, enquanto a delimitação *textual* observa como um código encontrado num mesmo recipiente ou mídia pode ser particionado em unidades menores para interpretação, a "delimitação de *imagens*" ou a criação de um *corpus* de dados visuais para comparação seleciona códigos de diferentes recipientes para utilizá-los em comparações[6]. Em outras palavras, a "exegese iconográfica" é uma forma de comparação interartística (veja BARTHES, 1977; MITCHELL, 1994, p. 100) – daí minha opção por chamá-

[4] Tradicionalmente, a "exegese iconográfica" (EI; ingl.: *iconographic exegesis*) difere de sua contraparte alemã, "iconografia bíblica" (IB; alem.: *Biblische Ikonographie* ou *Ikonographie Palästinas*). Enquanto a exegese iconográfica foi formulada como um *passo* na exegese histórico-crítica (HULSTER, 2009a, 2011) e apenas após uma década passou a ser considerada uma *abordagem interpretativa*, a iconografia bíblica reflete ou uma *síntese comparativa* da pesquisa independente de textos e imagens (SCHROER, 1995; HARTENSTEIN, 2005, p. 200; EGGLER *et al.*, 2006) ou um *campo de estudos independente* que lida com material iconográfico do contexto histórico-cultural no qual os textos bíblicos foram produzidos ou situados narrativamente (veja BERLEJUNG, 2012). O último é análogo à disciplina chamada *biblischen Archäologie*/*Archäologie Palästinas* (alemão: Arqueologia Bíblica/Arqueologia [Siro-]Palestinense). Embora toda classificação acadêmica seja artificial, a separação entre as duas vertentes é particularmente contraproducente no que tange a esforços taxonômicos e suas diferenças parecem pautadas a tradições e bairrismos acadêmicos do que a práticas ou pressupostos. Dessa forma, esse estudo não utiliza os termos, especialmente "exegese iconográfica" como uma terminologia descritiva, mas como um termo guarda-chuva. Isso implica uma seleção mais ampla de obras, atingindo até aquelas que explicitamente recusam o rótulo. Em outras palavras, ao tratar "exegese iconográfica" como uma perspectiva, eu me distancio da definição original de de Hulster e incluo trabalhos intitulados *Bibel und Ikonographie* (KEEL, 1985a), *Biblische Ikonographie/Biblical Iconography* (SCHROER, 1995, p. 220; BERLEJUNG, 2012, p. 52-57), *Ikonographie* (veja EGGLER et al. 2006)*, integral visual exegesis* (BEACH, 1991, p. 16), *pictorial exegesis* (WEISSENRIEDER; WENDT; GEMÜNDEN, 2005, p. viii) e 'a type of holistic exegesis' (KEEL, 1998, p. 219).

[5] Os três passos são muito mais enfatizados que os primeiros dois processos interpretativos.

[6] Isso não ocorre, obviamente, apenas na exegese iconográfica, mas em praticamente todos os esforços comparativos. No caso da exegese iconográfica, a dificuldade se inicia na propria datação de textos, geralmente determinados por críticas teóricas à Bíblia, cuja incerteza dificulta a correlação histórico-geográfica. Nesse caso, a supramencionada distinção entre tipo de texto e instância de texto é valiosa.

las "abordagens interartísticas à Bíblia" (KLEIN CARDOSO, 2024b)[7]–, *i.e.*, um tipo de comparação entre artefatos literários e visuais. Porém, por utilizarem códigos de diferentes recipientes, tais comparações são altamente suscetíveis a subjetividades, haja vista serem baseadas em pressupostos de pesquisadores.

Enquanto a crítica da delimitação tem se beneficiado das evidências empíricas para reduzir as subjetividades em comparações, a pergunta que este artigo tenta responder é como reduzir as subjetividades da criação de um *tertium comparationis* em abordagens interartísticas à Bíblia. A expressão latina, que significa "terceiro (elemento) de comparação", aponta para a qualidade que dois elementos possuem em comum para que possam ser comparados eficazmente. A questão é, portanto, basilar, senão fundacional à prática[8], haja vista a própria seleção de imagens ser baseada em escolhas, (pré-)conceitos e pressupostos de pessoas pesquisadoras. Contudo, enquanto a aplicação dos três passos de Panofsky e as referências mútuas entre imagens e textos foi explorada à exaustão, os princípios e pressupostos envolvidos na escolha de *comparanda*[9] não foram suficientemente discutidas (HULSTER, 2009a, p. 63-67, 2009b). Assim, após apresentar panorama sobre como comparações entre imagens e textos advindas de um mesmo contexto histórico foram possibilitadas dentre o campo da exegese bíblica, este artigo apresentará os mecanismos e quadros conceituais envolvidos na seleção de imagens dentre a exegese bíblica. É desnecessário dizer que essa é uma questão essencial no estudo de evidências arqueológicas dentre o contexto da exegese bíblica. Com isso, espero contribuir para que tradições disciplinares não preencham os espaços em branco da relação entre imagem e texto[10].

[7] Mitchell se opôs à "comparação interartística," haja vista considerar que "a melhor prevenção para métodos comparativos é a insistência na literalidade e materialidade. Essa é a razão pela qual eu acho que é mais útil começar com uma real conjunção de palavras e imagens em textos ilustrados, mídia mista como filmes, televisão e performances teatrais do que comparar esse romance ou poema com aquela pintura ou estátua. Com aquelas, é possível encontrar um conjunto empírico de dados, uma estrutura de imagem-texto que reage (ou resiste) a convenções que governam a relação entre a experiência visual e verbal" (MITCHELL, 1994, p. 90, tradução minha).

[8] De fato, é possível dizer que a seleção criteriosa de *comparanda* foi um dos pontos de partida dos anos 1970. *Bildsymbolik* (KEEL, 1996), considerado ponto de partida da exegese iconográfica, foi construído sobre o trabalho anterior de Keel que, além de outros aspectos, criticava o uso díspar de *comparanda* para interpretar imagens antigo-orientais. Seu segundo livro, uma crítica a teorias populares suíças dos anos 1960 que defendiam que a arte antigo-oriental e egípcia retratava encontros com seres alienígenas, chama a obra de von Däniken de "*Salat aus Lesefrüchten*" (Port.: "salada de frutos de leitura", KEEL, 1970, p. 12-13, 19; veja DÄNIKEN, 1990).

[9] Ralph Weber (2014, p. 250-251) distinguiu *comparanda* (o que "está *para ser* comparado") de *comparata* (o que "*é* e *foi* comparado no decorrer da comparação"). Assim, o termo *comparanda* está associado ao *tertium comparationis pré-comparativo*, enquanto *comparata* estaria associado ao resultado da comparação, correspondendo ao *tertium comparationis*.

[10] Minha questão com tradições disciplinares são seus pontos-cegos. Além de sua composição tradicionalmente monomodal que será discutida abaixo, é importante notar que, no caso da exegese bíblica, o fato da disciplina estar atrelada a um artefato *literário* tem consequências conceituais e metodológicas. Contudo, como a história da prática atesta, o domínio dos estudos bíblicos excede a *literatura* bíblica e o *significado* de textos bíblicos.

2 Uma história de *tertia comparationis*

Não é surpreendente que a reviravolta que tornou abordagens interartísticas à Bíblia possíveis foi *teológica*. Othmar Keel (1992b, p. 371) argumentaram que foi a escola da história das religiões alemã (alem.: *religionsgeschichtliche Schule*) e sua ênfase no conceito de "graça comum" (latim: *revelatio generalis*) que tornou possível comparar "atos divinos" com "expressões do espírito humano". Tal graça comum, contudo, parecia não atingir outras mídias. Quase como espelhando a cisão entre sagrado e profano[11], as coletâneas de Hugo Gressmann (1926, 1927) e James B. Pritchard (1969a, 1969b) mantinham textos e imagens separados, impolutos em diferentes volumes. Enquanto Keel é reconhecido como um dos primeiros a profanar essa divisão na exegese bíblica com o livro *Bildsymbolik* (KEEL, 1996), seu impulso era igualmente teológico (KEEL, 1986a, 1997a, p. 9). Prova disso é que ele se sentiu obrigado a justificar sua "heterodoxia" e, no início de sua carreira, a apregoar a primazia de textos: "a abordagem diferenciada e linguística continuará sem dúvida a ser a *via regia* para o mundo do antigo Oriente Próximo". Contudo, ele entendia imagens como signos perceptuais que permitiam à "nossa pré-compreensão consideravelmente menos latitude do que fonemas abstratos" (KEEL, 1997b, p. 8, tradução minha)[12]. O fraseado revela o objetivo de fornecer referências visuais a lexemas antigos, uma prática realizada através de abordagem macroscópica e fenomenológica.

O movimento em direção a uma comparação focada em lexemas desencadeou uma guinada *histórica* na pesquisa. Para utilizar a terminologia de Ryan Bonfiglio (2016, p. 69-88), a ênfase na *congruência* entre imagem e texto foi substituída por tentativas de alcançar a *correlação* entre imagem e texto, como se pode ver nos trabalhos de Keel do final dos anos 1970 (*e.g.* KEEL, 1974a, 1974b, 1977a, 1977b, 1978, 1980). Isso só foi possível através do despertar para as evidências iconográficas locais e seu estudo sistemático, que se deu principalmente a partir de 1981, com o estabelecimento do *Stamp Seal Research Project* (KEEL, 1986b, 1992b, p. 372). Além de fornecer infraestrutura de pesquisa para a análise iconográfica de evidências sul-levantinas, o projeto também acarretou mudanças cognitivas nas pessoas pesquisadoras, através dos processos de catalogação que particionavam imagens em descrições textuais (KLEIN CARDOSO, 2022, 2023c). Isso aprofundou a historicização da relação entre imagem e texto, ou a busca pela *contiguidade*

[11] Que também estava em voga na estrutura e análise dessas obras (veja SCHROER; KEEL, 2005, p. 13-16).

[12] Keel mudou de opinião vinte anos depois: "O título deste livro 'Das Recht der Bilder gesehen zu werden' [O direto das imagens serem vistas] não significa, é claro, que toda imagem tem o direito de ser reconhecido por todos em todos os momentos, mas que, quando uma cultura deve ser reconstruída, o testemunho de suas representações pictóricas não deve ser imediata e permanentemente colocado sob a tutela dos textos" (KEEL, 1992a, p. xi-xii, tradução minha). Alguns anos depois, ao discutir as múltiplas testemunhas de sociedades antigas, Keel cita John Berger, o que sugere uma intensificação do discurso pró-iconografia. A citação completa de Berger lê: "Nenhum outro tipo de relíquia do passado oferece um testemunho tão direto sobre o mundo que cercava outras pessoas em outras épocas. Nesse aspecto, imagens são mais precisas e ricas do que a literatura. Dizer isso não significa negar a qualidade expressiva ou imaginativa da arte, tratando-a como mera evidência documental; quanto mais imaginativa a obra, mais profundamente ela nos permite compartilhar a experiência do artista com o visível" (BERGER, 1997, p. 10, tradução minha).

entre eles, para usar a terminologia de Bonfiglio (2016)[13]. O principal critério para seleção de *comparanda* no período era a proximidade histórico-geográfica. Nesse sentido, Keel desenvolveu um modelo interpretativo em círculos concêntricos em seu comentário ao Cântico dos Cânticos (KEEL, 1984, p. 22, 1994a, p. 26-27; veja Klein Cardoso, no prelo)[14]. Isto é, a comparação se expandiria do texto até a cultura, passando (1) do contexto literário imediato, (2) ao contexto literário do livro bíblico, (3) ao cânone do texto bíblico, até chegar (4) ao ambiente histórico-cultural no qual o texto teria supostamente sido escrito (KLEIN CARDOSO, 2021a, p. 15). Nesse sentido, imagem e texto permaneciam desvinculados de certa forma, tendo suas respectivas diferenças expressivas ou semióticas enfatizadas[15].

Muitas obras do começo do novo milênio procuraram *integrar* a iconografia aos métodos histórico-críticos considerados padrão na exegese científica (*e.g.* WEISSENRIEDER; WENDT, 2005; HULSTER, 2009a; LEMON, 2010)[16]. Além dos diferentes níveis de interação entre imagem e texto, a ontologia das imagens foi posta sob os holofotes nesse período e interpretada como "representação mediada", ajudando a ampliar o abismo entre texto e imagem. De Hulster (2009c, p. 225, 229), por exemplo, defendeu na época que "textos nunca são imagens e imagens nunca são textos" e que apenas poderiam ser reunidos em um quadro comunicativo[17]. Bonfiglio (2016, p. 8, 173) criticou o foco de de

[13] O fato de Schroer (1995, p. 220) listar instâncias de interações entre imagens e textos e de Uehlinger (2007, 2008, p. 15) escrever que imagens são representações (*Repräsentation*) não espelhos (*Spiegel*) de realidades históricas são desenvolvimentos ulteriores deste processo de historicização.

[14] A relação foi construída pelo conceito de "constelação" do egiptólogo Jan Assmann e operacionalizado para a análise histórica a partir do método da "história dos motivos" e do método iconológico de Erwin Panofsky (KEEL, 1992a; KEEL; UEHLINGER, 1998, p. 12-13; veja WEISSENRIEDER; WENDT, 2005, p. 20-27).

[15] Isso é afirmado inequivocamente na análise de selos epigráficos com imagens (*e.g.*, UEHLINGER, 1993, p. 261-265, 2001, p. 42), o que prejudicou a análise dessa importante classe de artefatos, uma das únicas classes ecfrásticas (*i.e.*, com textos e imagens num mesmo artefato) a ser encontrada no sul do Levante antigo.

[16] Essas obras são aquelas consideradas *stricto sensu* "exegese iconográfica". Enquanto *Bildsymbolik* (KEEL, 1996), publicado originalmente em 1972, é considerado o ponto de partida da perspectiva (HULSTER; STRAWN; BONFIGLIO, 2015, p. 11), a expressão exegese iconográfica foi cunhada por Izaak de Hulster e apareceu em sua tese doutoral pela primeira vez (HULSTER, 2008, p. 3). Weissenrieder, Wendt e Gemünden (2005, p. viii) utilizavam "exegese pictórica" como contraposição à tradicional "exegese textual". Keel primeiramente rejeitou o rótulo de "método", ao dizer que "nunca entendemos nossas contribuições iconográficas como exegeses abrangentes, mas sempre como contribuições para a história dos motivos e crítica dos motivos e não como um novo e autônomo método (KEEL, 1986a, p. 41, tradução minha). Uma década depois, contudo, ele rotulou seu *método* e da escola de Friburgo "uma forma de exegese holística" (KEEL, 1998, p. 219, tradução minha). Outras nomenclaturas foram sugeridas por outros autores.

[17] Sua opinião parece ter mudado para compreender também a agência de imagens. A aluna de de Hulster, Saana Saari diz que "de Hulster posteriormente redefiniu sua definição, passando da representação para a realização, especialmente ao lidar com imagens antigo orientais. Essa definição leva em consideração uma variedade de mídias e o aspecto da agência humana ligado às imagens. De fato, parece que as imagens do antigo Oriente Próximo não eram meras representações de seus temas. Portanto, a mimese não descreve adequadamente a ampla gama de significados que uma imagem tinha para seus antigos usuários" (SAARI, 2020, p. 13, tradução

Hulster na representação e redirecionou a questão para o que as imagens *fazem*—no entanto, ele próprio não conseguiu abandonar totalmente o paradigma mimético e não ofereceu alternativas[18]. Outras pessoas pesquisadoras sugeriram escapar de pequenas unidades literárias que poderiam ser facilmente descontextualizadas, como motivos ou lexemas isolados, para contextos literários maiores, através de conceitos como "metáforas icônicas" (BROWN, 2002), "estruturas icônicas" (LEMON, 2010; SAARI, 2020) ou "campos imagéticos" (HARTENSTEIN, 2016). As comparações, nesse sentido, seriam possibilitadas pela pressuposição de que a cultura pode ser expressa através de diferentes mídias. Isso significa que, *grosso modo,* as comparações de Brown, Hartenstein, LeMon e Saari pressupõem que unidades literárias compõem uma gama de imagens que formam um campo semântico coeso. Essa ideia também está presente no trabalho recente de Thomas Wagner (2020, p. 56). Contudo, Wagner propõe que *comparanda* não seja apenas compilada por similaridades semânticas ou de conteúdo, mas também pela correlata (e pressuposta) função ou *Sitz im Leben*[19].

É notável, frente a esse panorama, que a maioria das práticas lide com "conteúdos desencarnados"[20]. Em outras palavras, códigos, seus recipientes (também chamados "portadores" ou "mídia") e contextos comunicativos são separados, o que não faz jus à natureza ou ao uso de imagens *e* textos na Antiguidade (TOORN, 1997; veja BAHRANI, 2003; WATTS, 2013; KLEIN CARDOSO, 2015, 2017; CARR, 2020)[21]. Tal separação também reduz a escolha de *comparanda* a similaridades temáticas ou formais (HULSTER, 2009b, p. 150). Parece haver duas causas para esse problema. A primeira é a ausência de reflexão sobre as diferentes dimensões sobre o que chamo de "delimitação de imagens", conforme discutirei abaixo. A segunda é a prática de esquartejar evidências em diferentes disciplinas, *i.e.*, a prática de estudar códigos e suas mídias – ou "portadores de imagem/texto" (*sic!*) – com ferramentas advindas de diferentes disciplinas acadêmicas (para o problema na historiografia, HÖLSCHER, 2021, p. 87-88). Enquanto essa separação infundada e contraproducente tem sido desafiada nos últimos vinte anos pelos chamados "estudos

minha). Contudo, o volume no prelo do qual Saari extrai a citação foi publicado sem o capítulo de de Hulster.

18 Isso está explícito nos "três C's", que, fora esse aspecto, são perspicazes (BONFIGLIO, 2016, p. 69-88).

19 Das conclusões de Wagner, é possível ver a conexão com outros trabalhos dentre a história da religião de Israel e Judá que não são geralmente incluídos na exegese iconográfica por supostamente não lidarem explicitamente com a exegese. Esse é o caso do tratamento de Beach (1991) aos marfins de Samaria e a conexão com o *marzeaḥ*, e a obra de Keel e Uehlinger (1998), que propositadamente foca em selos de estampar. É interessante notar que quanto mais consciente dos artefatos Keel se torna (*e.g.* em seu trabalhado com selos de estampar), mais distante ele fica do que pode ser chamado exegese iconográfica.

20 O mesmo pode ser dito sobre os textos que foram retirados de seus pergaminhos para terem seu conteúdo analisado. Isso foi desafiado pela Crítica Textual recente, que começou a se ater mais à materialidade dos textos para obter uma melhor perspectiva interpretativa (*e.g.* CARR, 2020).

21 Especialmente na história das religiões, que parece mais sensível à agência humana, animal e artefatual.

multimodais" no hemisfério norte[22], no Brasil e em um punhado de países europeus[23], códigos e suas mídias têm sido estudados sistematicamente juntos desde os anos 1960 na semiótica e comunicação social. Nesse sentido, perspectivas advindas desses contextos, como a comunicologia[24], podem suprir a prática com valiosos *insights*. Nas páginas a seguir apresento as duas dimensões da delimitação de imagens e faço comentários comunicológicos à questão.

3 As duas dimensões da delimitação de imagens

O breve panorama acima ajuda a distinguir duas dimensões que operam na seleção de imagens para sua comparação com textos bíblicos: a dimensão teórica (também chamada de "passiva" ou "dos pressupostos") e a dimensão metodológica (também chamada "ativa" ou "prática")[25]. Haja vista a alegação de semelhança também se basear em comparações anteriores, as fronteiras entre essas duas dimensões são difusas e historicamente condicionadas aos desenvolvimentos do campo de pesquisa. Em outras palavras, escolhas "práticas" do passado podem ser posteriormente tidas como "pressupostas" em comparações subsequentes. Esse é o caso, por exemplo, da supramencionada escolha por comparar "atos divinos" com "expressões do espírito humano" pela *religionsgeschichtliche Schule* no final do século 19. Hoje, tal opção é pressuposta, não correspondendo mais ao âmbito prático do esforço. A seguir, discuto as duas dimensões demonstrando em quais aspectos elas informam comparações interartísticas da Bíblia.

3.1 A dimensão teórica da delimitação de imagens

A dimensão teórica, passiva ou dos pressupostos da delimitação de imagens abrange os princípios e pressupostos norteadores envolvidos no ato de selecionar imagens para

[22] Nöth demonstrou que o sistema lógico de C. S. Peirce já considerava o que é hoje se chama multimodalidade. Nöth (2019, p. 226) aponta que na teoria de Peirce, signos de todos os modos (visuais, auditivos, táteis etc) são manifestações únicas de sentido (*sinsigns*), cada qual com suas próprias qualidades (*qualisigns*). O conteúdo ou código (linguagem, imagem, gesto etc.) seria apenas a faceta convencionalizada (*legisign*) explorada na interpretação. Tal faceta, contudo, ainda é pouco explorada na semiótica. Bateman (2018) considera Peirce e Saussure os "pais fundadores" da semiótica e, especificamente, dos estudos multimodais.

[23] *I.e.*, Itália, França e Espanha (Nöth, 1997, p. 6-7).

[24] Embora haja especialistas na obra de Flusser (ZIELINSKI; WEIBEL, 2015), não parece haver uma "doutrina" comunicológica. Flusser (2015b, p. 45) a definiu como "a teoria da comunicação humana, aquele processo graças ao qual informações adquiridas são armazenadas, processadas e transmitidas. A cultura é aquele dispositivo graças ao qual as informações adquiridas são armazenadas para que possam ser acessadas". O fraseado revela um empreendimento que é, ao mesmo tempo midiático e semiótico dentre uma estrutura comunicativa. Utilizo os *insights* de Flusser, conectando-os a conceitos análogos e vizinhos.

[25] Enquanto esforço comparativo, abordagens interartísticas à Bíblia possuem necessariamente cinco aspectos: (1) *tertium* "pré-comparativo", *i.e.*, o ponto de comunalidade postulado ou afirmado na determinação da *comparanda*; (2) a pessoa que compara; (3) ao menos duas *relata* (*comparanda*) a serem comparadas; (4) a comparação de *comparata* em algum aspecto comum (*i.e. tertium comparationis*); e (5) o resultado da comparação, que estabelece a relação entre a *comparata* baseada no aspecto escolhido (WEBER, 2014, p. 98-99, 250-251).

comparação. Em termos da filosofia comparativa, ela ajuda a estabelecer o ponto de similaridade/dissimilaridade do que será comparado, o chamado *teritum comparationis* "pré-comparativo" (WEBER, 2014, p. 99)[26]. No campo da comparação interartística da Bíblia, eu enxergo quatro pressupostos que são comumente utilizados, estando relacionados aos objetos de comparação, à interação entre esses objetos, às estruturas disciplinares e aos cânones visuais existentes.

3.1.1 Pressuposições ligadas aos objetos de comparação

Haja vista a prática da comparação interartística estar ligada a duas categorias aparentemente bem definidas, a pressuposição fundamental é que "textos" (=exegese) e "imagens" (=iconografia) são entidades distintas, mas comparáveis entre si. Enquanto a própria categorização e a distinção entre elas possam ser problematizadas (KLEIN CARDOSO, 2024b)[27], *comparanda* é geralmente selecionada e colocada em uma dessas "caixas", o que geralmente implica processos autônomos de interpretação para posterior comparação dos *resultados* dessas comparações autônomas (*e.g.* NEUMANN-GORSOLKE, 2012, p. 209-210). Dessa forma, um importante tema na teoria de comparações interartísticas é o espectro de relacionabilidade entre eles, na forma de referências de um ao outro (SCHROER, 1995, p. 220; EGGLER *et al.*, 2006) e do relacionamento entre os diferentes modos semióticos (BONFIGLIO, 2016, p. 69-88).

[26] Agradeço a Christoph Uehlinger e Martin Bürgin por me apresentarem o trabalho de Ralph Weber.

[27] Enquanto haja boa razões para distinguir os modos semióticos, comparações são feitas considerando o que imagens e textos *são, fazem*, *agem* e são *usados* (HÖLSCHER, 2021). Com relação às fronteiras entre esses modos, há grande debate transdisciplinar sobre o tema. Dentre a exegese bíblica, e dada seu logocentrismo, são enfatizados os recursos e as vantagens de cada sistema, como a vantagem das imagens para representar ideias complexas e das palavras para representar sequências e ações (EGGLER *et al.*, 2006). Contudo, a distinção é enfatizada. Além do campo, é possível ver estratégias analógicas (o que imagens são se contrastadas a textos, *e.g.* MITCHELL, 1994; DEBRAY, 1996), semióticas (quais são as funções sígnicas de imagens e textos, *e.g.* Goodman, 1968; Scholz, 1993, 2000), e semiótico-fenomenológicos (o que tornam imagens um sistema semiótico autônomo, *e.g.* SACHS-HOMBACH, 2013) para diferenciar os dois sistemas. As posições são tão extremadas quanto diversas. Debray (1996, p. 154-155), refutou asperamente a ideia de imagens como códigos, enquanto outros descrevem os sistemas como análogos (GOODMAN, 1968; SCHOLZ, 1993, 2000). Com relação ao último, a determinação se um Código é uma imagem ou um texto seria apenas por contexto e sintaxe, haja vista imagens serem códigos sintaticamente densos sem agrupamentos predeterminados, enquanto textos podem ser desmembrados em partes iguais e previsíveis. Sachs-Hombach (2013), mesmo pressupondo uma diferença intrínseca entre os sistemas, apresentou uma hipótese intermediária (RAMPLEY, 2012, p. 121-122), que defende que imagens seriam "signos quase-perceptíveis" (*wahrnemungsnahe Zeichen*), opostos a signos verbais. As estratégias de representação e contextualização também difeririam. Com relação à representação, enquanto a mídia de imagens é apresentada de uma só vez, signos verbais em pequenas e consecutivas unidades. Com relação ao contexto, signos quase-perceptíveis teriam seu contexto empiricamente presente, enquanto contextos verbais seriam construídos a partir de arrazoados lógicos (SCHIRRA; SACHS-HOMBACH, 2007).

3.1.2 Pressuposições sobre mecanismos de interação entre imagem e texto

Comparações também são geralmente condicionadas à ideia de que informações semelhantes podem ser materializadas e transmitidas através dos dois modos semióticos. Assim, uma pressuposição comum é que culturas podem ser vistas como sistemas simbólicos (KEEL, 1990a, p. 403, 1992a, p. xii; KEEL; UEHLINGER, 1998, p. 7-9; HULSTER, 2009a, p. 52-62; NEUMANN-GORSOLKE, 2012, p. 210), que se materializam em diferentes tipos de "fontes de conteúdo" (BARROS, 2019), *i.e.*, fontes verbais ou não-verbais[28]. Nesse sentido, é essa compreensão que possibilitaria organizar as evidências de uma determinada cultura em "círculos concêntricos" de comparação (KEEL, 1984, p. 22, 1986c), como mencionado acima, ou de conectar "matéria e pensamento" (HULSTER, 2009b, p. 141-142; veja SAARI, 2020, p. 20). Um subproduto dessa ideia é que textos e imagens, enquanto produtos culturais, evoluiriam dentre processos culturais, não biológicos ou naturais ou, como apregoa o famoso aforismo de Ernst Gombrich, que a arte nasce da arte, não da natureza (GOMBRICH, 1961, p. 22; para a recepção da ideia na exegese, KEEL, 1984, p. 23, 1985b, p. 27, 1992b, p. 25, 1994b, p. 27). Nesse sentido, a pressuposta simetria entre a produção cultural de textos e arte pictórica e sua implicada evolução dentre processos culturais forneceria à história dos motivos (alem: *Motivgeschichten*) um papel central em comparações interartísticas, por operar analogicamente na literatura e história da arte.

3.1.3 Pressuposições ligadas aos quadros disciplinares de comparação

Outra pressuposição comum diz respeito ao quadro disciplinar de comparação que dita o que pode ser comparado com o quê e qual a hierarquia entre os itens a serem comparados. Não é difícil provar que a constituição da maioria das disciplinas acadêmicas se dá a partir de quadros monomodais, *i.e.*, "uma linguagem para tratar a linguagem (linguística), outra para tratar a arte (história da arte), outra ainda para tratar da música (musicologia), e assim em diante, cada qual com seus próprios métodos, seus próprios pressupostos, seu próprio vocabulário técnico, suas próprias forças e seus próprios pontos-cegos" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 1, tradução minha). Tal monomodalidade, contudo,

[28] O termo surge nos textos tardios de Keel (KEEL, 1990a, p. 403, 1992a, p. xii, cf. 1997c, p. 124-125; KEEL; UEHLINGER, 1998, p. 7-9), mas a ideia central de que textos e imagens são "sintomas culturais" já está pressuposta nas obras dos anos 1980. Na verdade, as três principais inspirações conceituais de Keel estão ligadas à *Filosofia das Formas Simbólicas* de Cassirer, que propôs que "todas as atividades culturais da humanidade, incluindo mito, linguagem ou ciência, estão relacionadas ao significado por meio de formas simbólicas" (ALGOONEH JUENGHANI, 2020, p. 143, tradução minha): (1) A interpretação iconológica de Keel foi construída com base em Panofsky, colega de Cassirer em Hamburgo (LEVINE, 2013); (2) as obras histórico-religiosas utilizaram a ideia de sistema simbólico de Clifford Geertz, para quem o principal objetivo era descobrir o "papel das formas simbólicas na vida humana" (GEERTZ, 1973, p. 29, tradução minha); e (3) o conceito de constelação (alem.: *Konstellation*) de Jan Assmann também foi inspirado por Cassirer. O conceito de constelação demonstra como, apesar de variações intra-culturais, mitos possuem uma certa constância dentre uma cultura. Isso se daria pela presença de uma soma de pontos de referência ("ícones") que se desenvolvem dentre uma cultura (ASSMANN, 1982, p. 38).

tipicamente acarreta uma visão depreciativa de outros modos semióticos[29]. Contudo, a atribuição de status diferenciado a modos semióticos distintos pode desencadear práticas problemáticas. Os dois exemplos mais comuns da relação entre texto e imagem é a prática de "ilustrar" textos com imagens ou de "ancorar" o sentido de imagens com textos (veja BARTHES, 1977, p. 37-41; FLUSSER, 2015a, p. 17; STÖCKL, 2020, p. 191). Essa prática é bastante comum, por exemplo, na atribuição estanque de rótulos a tipos iconográficos a divindades (veja KLEIN CARDOSO, 2024a). O desequilíbrio entre os dois modos semióticos também pode ocasionar implicações cognitivas, como a distinção rígida entre imagem e texto (esta que, diga-se, parece ser constituída sobre raciocínio verbal[30]) e, em práticas interdisciplinares, em um quadro conceitual desequilibrado em comparações. Com relação ao último, é possível mencionar como exemplo práticas interpretativas que observam com maior rigor a diacronia de textos e com menor rigor a diacronia de imagens, ou que utilizam um quadro histórico-crítico para a interpretação textual e um quadro fenomenológica para a interpretação de imagens.

3.1.4 Pressuposições ligadas a cânones visuais pré-estabelecidos

Certas pessoas pesquisadoras também operam com cânones pré-estabelecidos, *i.e.*, com trabalhos tidos como tradicionais ou com material pré-selecionado ao invés de analisarem e selecionarem seu próprio material para comparações (veja GANSELL; SHAFER, 2020). Tal observação não procura reduzir a importância dos cânones disponíveis no campo; eles são valiosos e necessários. Contudo eles possuem sua própria lógica de organização, sendo organizados por classes de artefatos[31], delimitações espaço-temporais ou

[29] Com raras exceções, uma lógica monomodal prevalece na exegese bíblica. A disciplina foi construída em torno de um domínio homogêneo, o significado de textos bíblicos. No entanto, ela se expandiu para o estudo das culturas e histórias retratadas nesse artefato textual e ao redor dele (HOLLOWAY, 2013). Embora a delimitação seja um problema tratado com infinitas abordagens, é preciso considerar as suposições datadas das chamadas expansões dos contextos históricos da Bíblia (BAHRANI, 2003, p. 50-72; SILVA, 2011, p. 48-52; KLEIN CARDOSO, 2021b).

[30] Refiro-me à característica de ser: (a) "objetivo", não dependente de acordo prévio (Flusser, 2017a, p. 114); (b) bem-definido (MCLUHAN, 2013), organizado em unidades discretas (HÖLSCHER, 2018, p. 208); e (c) transparente, baseado em sentido (ASSMANN, 2003, p. 263).

[31] Atualmente, cerca de 17.000 artefatos visuais encontrados em escavações controladas foram catalogados no sul do Levante: c. 12.000 selos de estampar (KEEL, 1997d, 2010a, 2010b, 2013, 2017; veja EGGLER; KEEL, 2006; STAMP..., 2023) e c. 750 selos cilíndricos (veja KEEL; LIPPKE, 2016; EGGLER; UEHLINGER, 2022, p. 836), 275 modelos arquitetônicos (MULLER, 2016, p. 243, 2002 [com apenas 117 itens, considerando o panorama pré-achados de Yavneh]), e 3.239 amuletos (veja HERRMANN, 1994, 2002, 2006, 2016, p. 451). O número de estatuetas é uma questão de discussão. Kletter conta 854 estatuetas de pilar judeanas, 293 estatuetas de cavalo-com-cavaleiro e 274 estatuetas de placa (KLETTER, 1996, p. 83 [Fig. 2], 105 [Fig. 30]). Em um estudo mais recente, Erin Darby diz que, "até o momento, Jerusalém produziu cerca de 132 cabeças pinçadas publicadas, 80 cabeças moldadas e 303 corpos, ou 515 estatuetas publicadas separadamente" (DARBY, 2022, p. 204, tradução minha). A depender da definição de "visual", é possível adicionar outros itens, como os 450 sítios arqueológicos com diversas configurações e números de *masseboth* (AVNER, 2002, 2018).

temáticas[32]. Assim, sua utilização acrítica pode acarretar dois problemas: (1) nutrir a falsa premissa de que cânones são representantes da totalidade das imagens de uma determinada cultura ou época, ou (2) influenciar os resultados de pesquisa através de suas pautas e hermenêutica interna[33]. Em ambos os casos, existe o perigo de se deixar levar pelas fontes e dados ao invés de estabelecer argumentos a partir das questões de pesquisa feitas. Isso é evidente, por exemplo, nos trabalhos mais antigos de Keel, que discutem imagens utilizando a ordem na qual eles aparecem em compêndios de imagens ou relatórios de escavações (KEEL, 1970, 1996)[34]. Em seus trabalhos tardios, contudo, Keel utilizou sua própria metodologia classificatória, resultando em argumentos mais preciso e, possivelmente, hipóteses mais acuradas (KEEL; UEHLINGER, 1998; veja KLEIN CARDOSO, 2023c).

3.2 A dimensão metodológica da delimitação de imagens

A dimensão metodológica, ativa ou prática da delimitação de imagens abrange decisões conscientes ou ações tomadas na criação factual de um *corpus* de imagens para comparação. Parece haver três estratégias comumente utilizadas para delimitar imagens, que respectivamente selecionam imagens via supostas conexões com referentes textuais, via proximidade contextual ou via modelamento semiótica.

3.2.1 A seleção de imagens a partir de referentes textuais

A estratégia mais caraterística de composição de um *corpus* de imagens em abordagens interartísticas à Bíblia é aquela que utiliza imagens como correspondentes a referentes textuais. Por exemplo, lexemas como /asas/ (LEMON, 2010) e /leão/ (STRAWN, 2005; SAARI, 2020) ou grupos de lexemas, como /rei/+/riqueza/+/estrangeiro/ (CHAN, 2017) geralmente servem para correlacionar signos verbais e visuais e compilar um compêndio iconográfico. Possivelmente, a ideia também está implícita no argumento de apenas fazer conexões identificáveis e nomeáveis (*erkennbar und bennennbar*) entre imagens e textos (NEUMANN-GORSOLKE, 2012, p. 210-211)[35]. Tal utilização de similaridades

[32] O projeto mais atualizado e compreensivo para o período do Ferro é *IPIAO* (SCHROER; KEEL, 2005; SCHROER, 2008, 2011, 2018). Contudo, pela língua alemã do estudo, muitos ainda utilizam os catálogos criados por Gressmann (1927) e Pritchard (1969b), além *GGG,* o estudo histórico-religioso de Keel e Uehlinger (1998, 2010). Um compêndio para os períodos Persa e Helenístico é bastante aguardado e está em franca produção (veja WYSSMANN; SCHROER, 2019). Há de se notar que, embora *IPIAO* e *GGG* sejam histórias da religião, o fato de apresentarem uma grande quantidade de dados, eles são utilizados como compêndios visuais.

[33] Os mesmos problemas são encontrados em cânones literários, incluindo o texto bíblico. Além disso, apesar de ser mais estável, rastreável e numericamente limitado do que as imagens (HULSTER, 2009b, p. 148), a ampliação dos cânones pode fornecer ao pesquisador novas perspectivas sobre discussões antigas. Para obter um exemplo do uso de outros cânones textuais, veja o trabalho de Staubli (2015a).

[34] Keel segue essas obras desde a estrutura até a ordem das imagens e a interpretação. Ele é explícito sobre o assunto: "Para a representação do mundo, Keel se inspirou no estudo de H. Schaefer sobre a representação do mundo pelos antigos egípcios, enquanto o capítulo sobre o rei ficou sob a influência de H. Frankfort (1969)" (KEEL, 1992b, p. 372, tradução minha).

[35] O texto é, contudo, lacônico sobre como operacionalizar essa correlação.

temáticas ou "icônicas" para identificar referentes é particularmente central em abordagens orientadas a textos (*e.g.* de Hulster, 2009b, p. 146-159)[36].

Figura 1 – Selo com inscrição "Shemá, servo de Jeroboão" e com um leão rugindo com a cauda para cima.



Fonte: Stamp seals from the Southern Levant (2023).
Nota: Desenho de Ulrike Zurkiden; foto impressão moderna de Silas Klein Cardoso (impressão cortesia de Benjamin Sass).

A estratégia, contudo, implica tanto o conhecimento do uso de lexemas quanto de convenções artísticas para que tal correlação possa ser efetuada. Nesse sentido, a variedade de termos utilizado para um mesmo ente ou evento dentre a literatura bíblica pode, supreendentemente, restringir quantidade de motivos iconográficos para comparações. Por exemplo, em seu estudo sobre a iconografia bíblica leonina, Brent A. Strawn apontou que

> [...] à luz da distribuição dos gêneros e das frequências relativas (baixas ou altas) dos termos, é preciso admitir que alguns deles (*e.g.* אריה/ארי e לביא) podem ser denominações genéricas de leões, enquanto outros (*e.g.* כפיר e גור) designam leões de idades específicas, e outros ainda (*e.g.* לישׁ e שׁחל) servem como termos (exclusivamente) poéticos, cuja nuance exata não pode mais ser recuperada (STRAWN, 2005, p. 293, tradução minha).

Por um lado, essa constatação implicaria que a compilação de dados iconográficos deve considerar as mesmas nuances terminológicas para uma comparação acurada. Por outro lado, contudo, nem sempre é possível determinar tais nuances no registro material do sul do Levante, mesmo conhecendo as evidências e possuindo experiência na interpretação iconográfica.

O selo de Shemá, servo de Jeroboão, encontrado em Megiddo e inscrito com um viril e poderoso leão rugindo e com a cauda para cima pode exemplificar essa dificuldade (Fig. 1) (WATZINGER, 1929, pp. 64-65). Além de apontar para a possível associação da iconografia leonina com ideias de poder, força e dominância (*e.g.* KEEL; UEHLINGER, 1998, p.186-191; VEEN, 2020, p. 37) e com divindades específicas (*e.g.* STRAWN, 2005,

[36] De Hulster distingue abordagens que começam com um "tema" ou um "texto", mas, a meu ver, essa distinção parece mais ligada à aspiração de colocar sua proposta de exegese iconográfica dentro do método histórico-crítico do que a uma prática diferente.

p. 106-107) ou sua possível função como guardião na iconografia antigo-oriental (*e.g.* SCHROER 2018, p. 81 [nº. 1653]), a qual dos termos bíblicos mencionados acima poderíamos associar a iconografia? Infelizmente, essa não é uma resposta fácil.

3.2.2 A seleção de imagens por proximidade contextual

Pessoas pesquisadoras geralmente optam por imagens de contextos geográficos e cronológicos próximos dos textos por supostamente partilharem um mesmo sistema simbólico (KEEL, 1977a, p. 11-13, 1984, p. 22; LEMON, 2010, p. 22-25; NEUMANN-GORSOLKE, 2012, p. 210). Embora não perseguido sistematicamente, a estratificação social, comércio e mobilidade cultural também são por vezes consideradas (UEHLINGER, 2001, 2007; HULSTER, 2009a, p. 56).

Essa pressuposição historiográfica foi discutida por Uehlinger (2001, p. 31-39), que também propôs distinguir entre fontes primárias, secundárias, terciárias e quaternárias através de critérios arqueológicos e, na sequência, organizá-las dentre suas pressupostas temporalidades. Para atribuir fontes a diferentes temporalidades, Uehlinger seguiu Fernand Braudel. Assim, no nível da história de longa duração (*histoire de la longue durée*), que refletiria estruturas de longa durações como estruturas naturais e topográficas, estariam motivos iconográficos como representações de animais, falos, mulheres nuas etc (Fig. 2). No nível da história conjuntural (*histoire conjoncturelle*), no nível da história social de grupos e agrupamentos, uma diversidade de motivos pode ser utilizada para a construção da histórica cultural e religiosa. Isso se dá pela característica tipificadora do nível, que permite certa abrangência interpretativa sem a necessidade de associação a eventos ou indivíduos específicos. Assim, motivos datados arqueologicamente podem ser utilizados para fazer referência a preferências, ideologias ou imaginários de períodos de média-duração. É controversa a utilização de evidências iconográficas para o nível da história dos eventos (*histoire événementielle*), que faz referência a eventos ou indivíduos específicos. Mesmo quando eventos específicos são comemorados em monumentos de templos egípcios ou em decorações de palácios assírios, ou quando nomes são apontados em inscrições de selos de estampar ou em *bullae*, seu caráter ideológico e as implícitas convenções iconográficas que estes artefatos evocam requerem cautela *e* experiência na interpretação. Caso contrário, elas serão apenas utilizadas como ilustrações, o que não apenas restringirá sua utilidade em reconstruções históricas quanto amplificará potenciais anacronismos. Nesse quesito, os muitos desusos do obelisco negro e dos relevos da conquista de Laquis são provas veementes da transformação de fontes históricas iconográficas em meras ilustrações de descobertas textuais.

Contudo, deve-se ressaltar que a natureza interartística dessas comparações aliada à datação hipotética (*i.e.*, não empírica) dos métodos histórico-críticos clássicos, além da distância temporal dos manuscritos dos eventos que eles retratam ao período no qual as evidências iconográficas foram encontradas e datadas, continuam sendo desafios quase intransponíveis[37].

[37] Com o desenvolvimento das histórias da arte do sul do Levante (SCHROER; KEEL, 2005; SCHROER, 2008, 2011, 2018; veja WYSSMANN; SCHROER, 2019) e da valorização das imagens como fontes históricas, a hierarquia das fontes foi desafiada e a datação de dados iconográficos começou a ser mais rastreável, ajudando também a resolver a datação da literatura bíblica por um método comparativo e empírico.

3.2.3 A seleção de imagens por modelamento semiótico

Outra estratégia é a utilização do modelamento semiótico verbal e não-verbal (seja no sentido de gênero ou representação) como método de emparelhamento entre imagens e textos. Por exemplo, o supracitado conceito de "estrutura icônica" utilizado por Brown (2002), LeMon (2010) e Saari (2020) sustenta que a estrutura literária da poesia e prosa possua um fundo imagético capaz de compilar motivos iconográficos para comparações. Por outro lado, Urs Winter (1987, p. 367) e Thomas Staubli (2015a) utilizaram o alinhamento consecutivo de signos da prosa hebraica e de cenas em selos cilíndricos para analisar "narrativas" ou "cenas" visuais e literárias e o implícito concatenamento de eventos. Um outro desdobramento dessa estratégia é a utilização de analogias literárias, *i.e.*, abordar signos visuais através de metáforas textuais para operacionalizar comparações (*e.g.* UEHLINGER, 2007, p. 187; STAUBLI, 2015b, p. 243-252)[38].

4 Considerações e *insights* comunicológicos

Apesar de seu caráter interdisciplinar, muitas pressuposições envolvidas na seleção de imagens para abordagens interartísticas à Bíblia advêm do local de origem da prática, a exegese bíblica. Um exemplo é a orientação teológica, que desencadeou e continua a estruturar exegeses interartísticas. Embora tal orientação não seja um problema em si, ela pode limitar comparações. Por exemplo, mesmo frente à guinada histórica que a prática sofreu entre os anos 1980 e 1990, ainda é possível detectar nuances de um etnocentrismo teológico na ênfase a textos. Como escreveu Derrida: "O signo e a divindade têm o mesmo local e a mesma data de nascimento. A época do signo é essencialmente teológica" (DERRIDA, 2013, p. 18). Contextualizando a citação, a justificativa para a priorização de textos não é apenas baseada nas evidências disponíveis, mas na primazia do texto bíblico e da locação institucional e/ou religiosa de pessoas pesquisadoras. A discussão teórica abaixo tenta se desvencilhar dessa tradição ao introduzir conceitos básicos da comunicologia que cooperam ao estabelecimento de diferentes pontos de similaridade/diferença na delimitação de imagens que operem além da similaridade temática e formal.

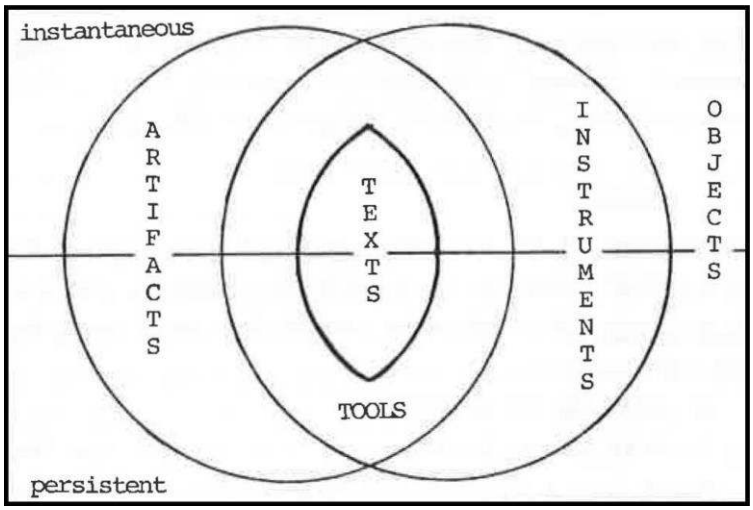
4.1 Considerando um conceito mais amplo de "texto"

A partir dos anos 1970, semióticos sociais russos e alemães começaram a conceber unidades complexas de informação como "textos" (POSNER, 1989, p. 625; LOTMAN, 1990, p. 2). Para Roland Posner (1989, p. 255) (Fig. 2), por exemplo, um "texto" é: (1) um *artefato*, *i.e.*, o produto de um ato intencional; (2) um *instrumento*, *i.e.*, tem sua função convencionalizada; e (3) é *codificado*, *i.e.,* possui sentidos culturalmente determinados. Este conceito mais amplo de texto, em primeiro lugar, evidencia a natureza mista signo-

[38] Devo a Christian Frevel o lembrete de incluir este desdobramento. No plenário após minha apresentação na EABS de Toulouse, em 2022, ele apontou sua preferência pela utilização da estratégia analógica à textual (e que também corresponde às categorias semióticas), *i.e.*, que distingue as camadas de comparação entre os níveis semântico, pragmático e sintático.

comunicativa de "textos"[39]. A ênfase em uma *função* convencionalizada e na *codificação* de textos demonstra, como apontou Umberto Eco (1984, p. 15), que textos não são sistemas sígnicos, mas *realizações comunicativas*. Embora haja outros fatores para considerar nessa equação[40], é suficiente apontar aqui que, ao considerar essa natureza transitória de *funções sígnicas*[41], que combinam expressão e forma para comunicar, cada manifestação de texto ajudaria a construir diferenciações diacrônicas e espaciais não apenas no nível do conteúdo e sentido, mas também na função e uso desses artefatos.

Figura 2 – Conceito de texto.



Fonte: Posner (1989).

Isso pode ajudar a considerar, por exemplo, usos primários e secundários de "textos" e a criação de outras identidades situacionais e histórico-geográficas para comparações. Tomemos como exemplo o "selo de Jaazaniah, servo do rei" de Tell en-Nasbeh. Provavelmente produzido na Idade do Ferro III, o selo foi encontrado em uma tumba bizantina (veja BADÈ, 1933; KLEIN CARDOSO, 2023b, p. 12-14) (Fig. 3). A partir desses fundamentos, seu potencial de comparação não está apenas na comparação direta com outras evidências iconográficas de galos de briga na Idade do Ferro ou na identificação do nome ou da função real descrita no selo, mas também no valor de longo prazo de selos de estampar dentre suas diversas variações de uso e sentido. O selo se comunica de forma diferente como um selo pessoal, como herança ou como achado de túmulo e, em relação a esses aspectos, pode ser comparado a uma variedade

[39] De acordo com Eco (1976, 1984), Santaella (2020) e Santella e Nöth (2004), entre outros e outras, a vertente peirceana da semiótica também pode ser caracterizada como uma ciência comunicativa, pois une o estudo dos signos ao estudo de seus contextos comunicativos.

[40] Além da artificialidade, do uso e da codificação, também é possível considerar as dimensões midiáticas (*e.g.* transmissão, armazenamento, processamento de informações) e semânticas (*e.g.* função, iconicidade, conexão, contexto) dos objetos.

[41] Essa terminologia já é encontrada em Peirce (1902, p. 31) e foi retrabalhada por Eco (1984, p. 23), que construiu sua teoria sincrética com base em Hjelmslev, com refinamentos inspirados na teoria de Peirce.

de textos encontrados na Bíblia que abordem esses usos, como a ideia de "herança" ou "pertence pessoal".

Figura 3 – Selo com inscrição "Jaazaniah, servo do rei" e com um galo de briga.



Fonte: Stamp Seals from the Southern Levant (2023).
Nota: desenho de Ulrike Zurkiden. foto selo: Netaniel Rinon; foto impressão moderna: Silas Klein Cardoso (impressão cortesia de Benjamin Sass).

Em segundo lugar, esse conceito de texto coopera à compreensão da intrínseca relação entre códigos e sua materialidade. Na verdade, esse aspecto já está presente nos escritos de C. S. Peirce[42]. O filósofo sugeriu que uma qualidade se transforma em signo apenas em sua materialização/incorporação (Nöth, 1990, p. 90). Tal materialização, de acordo com Peirce, é o que permite que signos atuem socialmente, *i.e.*, que afetem ou

[42] A tipologia de signos de Peirce diz que o conceito de signos se estende de meras qualidades (*qualisigns*), como uma cor ou um cheiro e o que eles evocam, a silogismos complexos. Isso deve ser visto em relação a um objeto. Aqui, é preciso lembrar dois aspectos da teoria de Peirce. Em primeiro lugar, em casos especiais, como no *qualisigno icônico*, Peirce concebeu relações diádicas ou monódicas do signo. Em segundo lugar, ele concebeu "objeto" como outro signo que não o objeto empírico (MSS599 §37).

produzam algo[43]. Considerar esse aspecto aliado à natureza comunicativa de textos expande o número de mídias para "qualquer objeto ao nosso redor", seja esse objeto "visual, oral, audível, olfativo ou tátil" (FLUSSER, 2016, p. 55-56). Embora seja verdade que nem todo objeto que comunica seja um texto semiótico (apenas aqueles que possuem códigos o são), é importante salientar que a codificação não ocorre apenas na forma de pinceladas em uma tela de pintura ou de letras que compõe literatura. Artefatos "sem códigos" *stricto sensu*, também podem comunicar e apresentar pseudocódigos através de sua forma convencionalizada. Tal qual um selo de estampar com iconografia é um texto, um vasilhame de forma particular também pode funcionar como texto semiótico, haja vista ter função convencionalizada que pode ser compreendido enquanto "código" dentre um determinado contexto sociocultural. Nesse sentido, apesar da correspondência com textos bíblicos ser complexa pela dificuldade de corresponder termos com objetos empíricos, jarros utilizados para funções administrativas ou libações em contextos cúlticos podem fornecer tantos *insights* para a leitura de textos bíblicos quanto objetos com certa iconografia.

Como resultado, a gradação de qualidade a signo também pode ser utilizada para o estabelecimento de itens a serem comparados através de aspectos ou qualidades, como formato, cor e dimensão de dois ou mais "textos semióticos". Esse agrupamento de qualidades pode ser feito a partir de uma abordagem baseada em material ou conteúdo. Em uma abordagem baseada em materiais, pode-se considerar, por exemplo, práticas de miniaturização de textos bíblicos (*e.g.* os amuletos de prata de Ketef Hinnom) e práticas de miniaturização de outras mídias, como estátuas, estatuetas, amuletos. O volume, a forma, o material, a experiência háptica e o contexto desses artefatos podem ser utilizados como base para estabelecer conexões e criar corpus de itens a serem comparados. Em uma abordagem baseada em conteúdo, pode-se considerar, por exemplo, como uma determinada forma e cor são combinadas em artefatos e em descrições bíblicas. Vale a pena mencionar, nesse contexto, a obra de Webb Keane e Marian Feldman, que tentam integrar a materialidade dos artefatos na interpretação, considerando-os além da ruptura entre forma e substância (KEANE, 2005) e, além da iconografia, estilo e composição, aspectos tradicionalmente mais observados na história da arte antiga (FELDMAN, 2015).

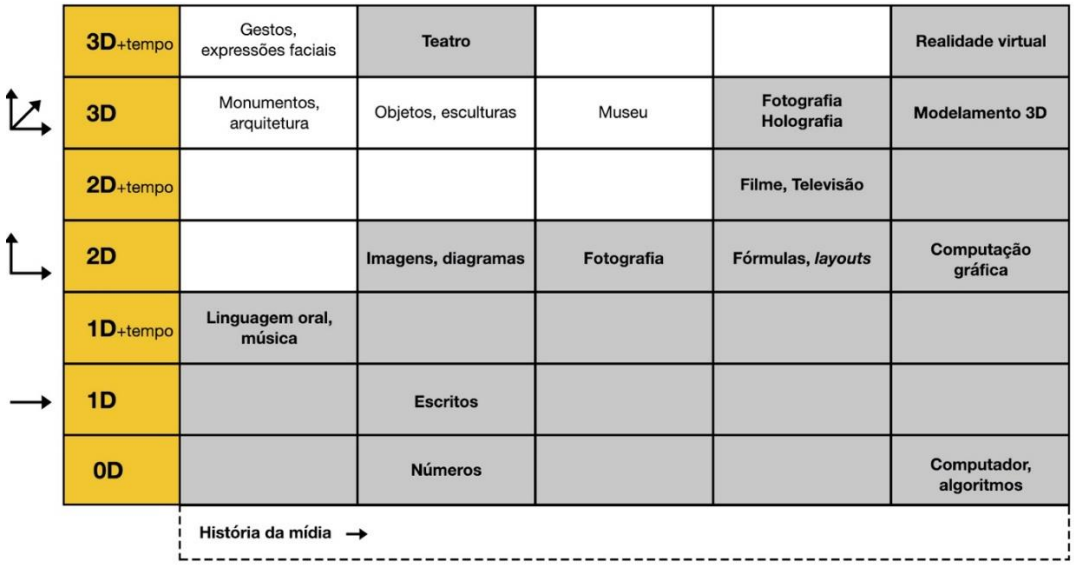
4.2 Considerando as dimensões de artefatos

Esse conceito mais amplo de texto também possui o potencial para colocar textos pictóricos e literários em uma mesma "caixa". Enquanto pressuposições que advogam a distinção rígida entre texto e imagem impedem estudiosas e estudiosos de comparar artefatos holisticamente, a comparação de códigos pode também ser aprimorada via *insights* comunicológicos. Por exemplo, é possível utilizar as diferentes experiências cognitivas de intelecção de textos semióticos como método de emparelhamento aliado à modelização semiótica. Desde o seminal livro *Languages of Art* de Nelson Goodman (1968; veja SCHOLZ, 1993, 2000), a sintaxe de sistemas semióticos linguísticos e não-linguísticos é

[43] O que é uma conceituação muito melhor do interpretante (NÖTH, 1990, p. 88). Além disso, pode-se acrescentar que, enquanto o interpretante é causado pelo símbolo, o símbolo é provocado pelo objeto (SANTAELLA, 1995, p. 55). O signo, deve-se enfatizar, não perde suas qualidades constitutivas na materialização, mas as acrescenta. Isso pode ser visto claramente na categorização frequentemente desconsiderada do ícone, que se divide entre imagem, diagrama e metáfora (JAPPY, 2013, p. 136).

caracterizada como respectivamente desconexa/diferenciada e densa/indiferenciada. Flusser (2017a, p. 102-125) demonstrou as implicações cognitivas da diferenciação: enquanto textos verbais representam o mundo em linhas, utilizando sequências de signos "historicamente", textos pictóricos representam através de superfícies, de forma sinótica ou "ahistórica". Disso, Flusser propôs uma tipologia de mídias baseada em dimensões (WINKLER, 2008, p. 77-79; FLUSSER, 2015b, p. 40, 2016, p. 45-56) (Fig. 4).

Figura 4 – Tipologia de dimensões midiáticas.



Fonte: Adaptado de Flusser (2016) e Winkler (2008).

Como apontado acima, alguns trabalhos já utilizaram de forma não sistemática modelizações semióticas como método de emparelhamento. A proposta de Flusser pode sugerir outras relações além dessas aventadas: (1) a poesia hebraica baseada em linhas, com suas descrições estáticas, redundantes, mas aditivas[44], assemelham-se à apresentação densa de "mídia 3D", como estatuetas e estátuas; (2) os padrões de miniaturização estudados em perspectiva histórico-artística por Keel (1990b) podem ajudar a pensar a lógica

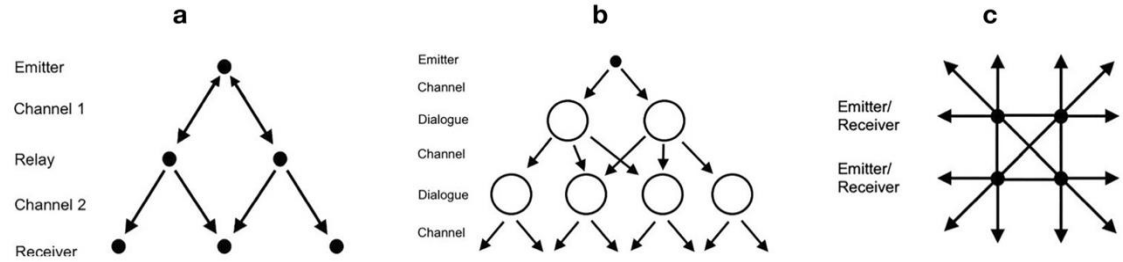
[44] Com relação à linha, veja o material e os argumentos interpostos por Dobbs-Allsopp (2015, p. 14-94). Com relação ao paralelismo e como ele mantém o sentido de um movimento estático ritmado, acrescentando ao mesmo tempo significado e profundidade, ele escreveu: "De fato, a forma caracteristicamente fechada e recursiva do ritmo poético do hebraico bíblico é, em si, principalmente um produto da parada final e do paralelismo. Um todo clausal ou sentencial (moldura) é articulado e depois reiterado uma ou duas vezes, produzindo (de forma ideal) uma série de progressões que param ou pulsam - um passo à frente, iteração e, em seguida, outro passo à frente, reiteração e, às vezes, duas vezes mais (no caso de tercetos), e assim por diante. A recursão do paralelismo redobra a estrutura sintática e, no processo, reforça a projeção da totalidade e a plenitude sentida da parada no final da linha" (DOBBS-ALLSOPP, 2015, p. 45, tradução minha). O paralelismo foi considerado análogo ao "aspectivismo" da arte egípcia por estudiosos bíblicos como Schroer e Staubli (2001). A figuração aspectiva, característica da arte egípcia, se conforma com um só ponto de vista, representa figuras simultaneamente de perfil e frontalmente.

sintética de provérbios e máximas; (3) a literatura compósita e painéis múltiplos podem ser analisados juntamente para ver como constelações de motivos são compilados e organizados em diferentes mídias; (4) o ordenamento e a enumeração em representações artísticas pode cooperar ao entendimento de listas presentes nos textos bíblicos. Nenhuma dessas sugestões negligenciaria a busca pelo conteúdo ou sentido, mas proporcionaria pontos de comparação adicionais.

4.3 Considerando estruturas comunicativas

O último *insight* só pode ser sugerido aqui. Um quadro conceitual comunicológico também possibilitaria, além dos níveis do signo e da mídia, considerar as estruturas de comunicação na escolha de *comparanda.* A comunicação tende a ser vista como um fenômeno mecânico e dialogal, no qual emissor e receptor são conectados por uma linha reta que representa uma mídia e seu respectivo conteúdo. Embora não esteja errado, tal modelo não deixa de ser uma simplificação grosseira. A comunicação não é apenas estruturada pelos atores que dela participam enquanto processo, mas também implica processos sociais, religiosos e econômicos. E, outras palavras, há outros aspectos e processos a serem notados em processos comunicativos além do fato de reproduzirem de forma "fiel" ou "infiel" o sentido pretendido e original de mensagens (Flusser, 2007, p. 20). Nesse sentido, contextos comunicativos também podem ser utilizados como um quadro conceitual para selecionar de imagens.

Figura 5 – Exemplos de estruturas comunicativas.



Fonte: Flusser (2022).

O conceito de contexto comunicativo é necessariamente amplo, haja vista a compreensão de como informações são adquiridas, processadas e transmitidas em um dado contexto incluírem a maioria, se não todos os aspectos de uma cultura (FLUSSER, 2022, p. 13-14). Ele é, contudo, vantajoso para estabelecer possíveis pontos de comparação. Vilém Flusser sugeriu que o contexto sociopolítico de mensagens, a interação multinível entre emissor e receptor e os mecanismos dos canais comunicativos informam (também no sentido de dar forma) diferentes estruturas comunicativas (FLUSSER, 2022, p. 19-67). Apesar da maioria das pessoas pesquisadoras utilizarem o mesmo modelo comunicativo para todas as análises, é necessário admitir que a estrutura comunicativa de um exército (Fig. 5a) é diferente da estrutura de uma reunião científica (Fig. 5b) e ambos são diferentes da estrutura de fofocas (Fig. 5c). Cada contexto comunicativo implica níveis distintos de resposta, instâncias de diálogo e discurso/recepção, assim como uma variedade de expressões de poder ligados à estrutura sócio-histórica ou aos agentes envolvidos no processo de comunicação. Enquanto essa percepção complexifica a relação um-pra-um de uma mensagem dentre o esquema comunicativo comum, ela ajuda a ver diferentes mídias utilizadas

dentre a mesma estrutura. Um exército, por exemplo, utiliza diferentes meios (*e.g.* cartas, memorandos, discursos, cartazes, documentos) dentre a mesma estrutura para comunicar mensagens. É possível, nesse sentido, ao invés de opor rigidamente cartas e memorandos (como fazemos com imagens e textos), utilizar sua utilização em estruturas comunicativas comuns como ponto de comparação para reconstruir aspectos da realidade social desse imaginado exército. Contextos comunicativos evocam, nesse sentido, ótimos pontos de similaridade *principalmente* para comparações interartísticas.

Esse é o caso do estudo de Klein Cardoso analisando a história da religião benjaminita no período do Ferro I-IIA, tempo de provável origem do "antigo Israel" (KLEIN CARDOSO, 2019, veja 2020, 2021c, 2021d). Ao estabelecer como ponto de comparação uma região em um determinado período e suas evidências religiosas, com o conceito de "redes mágico-míticas", ele discutiu como as evidências em conjunto compunham um sistema religioso

5 Considerações finais

Como reduzir as subjetividades envolvidas na seleção de imagens em abordagens interartísticas à Bíblia? Um aspecto essencial, embora negligenciado, é o aprimoramento da seleção de *comparanda*. Enquanto filha da iconologia, a exegese interartística da Bíblia tem a criação de um compêndio de dados iconográficos num local privilegiado. Tal tarefa é, contudo, prenhe de subjetividades, haja vista fundada sobre gostos e valores de pessoas pesquisadoras. Este artigo explorou a questão, sugerindo dois *insights* metodológicos para solucionar o problema.

A primeira sugestão foi distinguir a dimensão teórica (dos pressupostos) da metodológica (da prática) na seleção de imagens. A descrição e reflexão sobre os quadros conceituais e mecanismos é útil para evidenciar pontos-cegos e aprimorar práticas acadêmicas. Este artigo, nesse sentido, demonstrou como fatores epistemológicos, biográficos, institucionais e disciplinares interferem na seleção de imagens mesmo quando não são explicitamente mencionados. Nesse sentido, é possível argumentar que alguns dos desequilíbrios entre pressuposições e ações restringem um número significativo de estudos a meras comparações de códigos, *i.e.*, justaposições que não lidam com artefatos de forma holística e que acabam por negligenciar contextos, sejam eles arqueológicos ou comunicativos.

A segunda sugestão foi utilizar alguns conceitos comunicológicos para aprimorar a prática. O artigo demonstrou como o conceito social-semiótico de texto, a ideia de dimensões midiáticas de artefatos e de estruturas comunicativas podem ocasionar outros pontos de similaridade e dissimilaridade a serem considerados além da similaridade temática e formal. O argumento foi de que, embora central, a relação entre texto e imagem pode ser mais matizada. Para utilizar uma metáfora, é preciso lembrar que conceitos são apenas ferramentas e, enquanto ferramentas, elas se vingam de nós. Como Flusser disse certa vez, após criar alavancas para imitar "a capacidade de nossos braços levantarem objetos inanimados", as alavancas se vingaram "e agora nós movimentamos nossos braços como se eles fossem alavancas" (FLUSSER 2017b, p. 283, tradução minha). De igual modo, é importante não sermos levados por caracterizações estanques de texto e imagem em comparações interartísticas, que negligenciam suas características e instanciações histórico-semióticas. Isso não é, obviamente, uma

sugestão para abandonar esses importantes conceitos, mas para utilizá-los criticamente e se aperceber de suas muitas facetas, *i.e.*, de sua dimensão sígnica e midiática, até sua dimensão comunicológica.

Referências

ALGOONEH JUENGHANI, Masoud. How Cassirer explains myth and other symbolic forms through semiotic functions. *Semiotica*, Berlin, v. 2020, n. 233, p. 125-144, 26 mar. 2020.

ASSMANN, Jan. Die Zeugung des Sohnes. Bild, Spiel, Erzählung und das Problem des ägyptischen Mythos. *In*: ASSMANN, Jan; BURKERT, Walter; FRITZ, Stolz (ed.). *Funktionen und Leistungen des Mythos.* Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982. p. 13-63.

ASSMANN, Aleida. Alte und neue Voraussetzungen der Hieroglyphen-Faszination. *In*: ASSMANN, Aleida; ASSMANN, Jan (ed.). *Hieroglyphen:* Stationen einer anderen abendländischen Grammatologie. München: W. Fink, 2003.

AVNER, Uzi. *Studies in the Material and Spiritual Culture of the Negev and Sinai Populations, During the 6th-3rd Millennia B.C.* 2002. 388 p. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Hebrew University, Jerusalem. 2002.

AVNER, Uzi. Protohistoric Developments of Religion and Cult in the Negev Desert. *Tel Aviv*, Tel Aviv, v. 45, n. 1, p. 23-62, 2 jan. 2018.

BADÈ, William F. The Seal of Jaazaniah. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, Berlin, v. 51, n. 1, p. 150-156, 1933.

BAHRANI, Zainab. *The graven image:* representation in Babylonia and Assyria. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003.

BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas:* introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BARTHES, Roland. *Image, music, text: essays.* 13th ed. London: Fontana, 1977.

BATEMAN, J. A. Peircean Semiotics and Multimodality: Towards a New Synthesis. *Multimodal Communication*, Berlin, v. 7, n. 1, 2018.

BEACH, Eleanor Ferris. *Image and word:* Iconology in the interpretation of Hebrew scriptures. 1991. 374 p. Tese (Doutorado em Teologia) -- Claremont Graduate School, California, 1991.

BERGER, John. *Ways of seeing.* 37th ed. London: British Broadcasting Corp, 1997.

BERLEJUNG, Angelika. Sources and methods. *In*: GERTZ, Jan C.; BERLEJUNG, Angelika; SCHMID, Konrad; WITTE, Markus. *T&T Clark Handbook of the Old Testament:* an introduction to the literature, religion and history of the Old Testament. New York: T&T Clark, 2012. p. 1-58.

BONFIGLIO, Ryan P. *Reading images, seeing texts:* towards a visual hermeneutics for biblical studies. Fribourg, Switzerland: Academic Press, 2016.

BROWN, William P. *Seeing the Psalms:* a theology of metaphor. Louisville: Westminster John Knox Press, 2002.

CARR, David M. Rethinking the Materiality of Biblical Texts: From Source, Tradition and Redaction to a Scroll Approach. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft,* Berlin, v. 132, n. 4, p. 594-621, 2020.

CHAN, Michael J. *The wealth of nations:* a tradition-historical study. Tübingen: Mohr Siebeck, 2017.

DÄNIKEN, Erich VON. *Zurück zu den Sternen:* Argumente für das Unmögliche. Bergisch Gladbach: Lübbe, 1990.

DARBY, Erin D. Sex in the City? Judean Pillar Figurines and the Archaeology of Jerusalem. *In*: DARBY, Erin D.; HULSTER, Izaak J. DE (ed.). *Iron Age Terracotta Figurines from the Southern Levant in Context.* Leiden: Brill, 2022. p. 178-214.

DEBRAY, Régis. *Media manifestos:* on the technological transmission of cultural forms. London; New York: Verso, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DOBBS-ALLSOPP, F. W. Chips. *On biblical poetry.* New York: Oxford University Press, 2015.

ECO, Umberto. *A theory of semiotics.* Bloomington: Indiana University Press, 1976.

ECO, Umberto. *Conceito de texto.* São Paulo: USP, 1984.

EGGLER, Jürg; KEEL, Othmar; SCHROER, Silvia; UEHLINGER, Christoph. Ikonographie. *In*: WIBILEX. Stuttgart: Deutsche Bibel Gesellschaft, abr. 2006. Disponível em: http://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/21778/.

EGGLER, Jürg; KEEL, Othmar. *Corpus der Siegel-Amulette aus Jordanien:* Vom Neolithikum bis zur Perserzeit. Fribourg: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.

EGGLER, Jürg; UEHLINGER, Christoph. Seal/s (sl./sls.) and Sealing/s (slg./slgs.). *In:* BERLEJUNG, Angelika; DAVIAU, Paulette M. Michèle; KAMLAH, Jens; LEHMANN, Gunnar (ed.). *Encyclopedia of Material Culture in the Biblical World*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022. p. 832-861.

FELDMAN, Marian H. Beyond Iconography: Meaning-Making in Late Bronze Age Eastern Mediterranean Visual and Material Culture. *In*: KNAPP, A. B.; VAN DOMMELEN, P. (org.). *The Cambridge Prehistory of the Bronze and Iron Age Mediterranean*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 337–351.

FLUSSER, Vilém; *Kommunikologie*. 4. Aufl. Frankfurt am Main: Fischer-Taschenbuch-Verl, 2007.

FLUSSER, Vilém. *Into immaterial culture.* New York: Metaflux, 2015a.

FLUSSER, Vilém. *Comunicologia reflexões sobre o futuro:* as conferências de Bochum. São Paulo: Martins Fontes, 2015b.

FLUSSER, Vilém. *The surprising phenomenon of human communication.* Milton Keynes: Metaflux, 2016.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.* São Paulo: Ubu Editora, 2017a.

FLUSSER, Vilém. *Artforum:* essays. New York: Metaflux, 2017b.

FLUSSER, Vilém. *Communicology:* mutations in human relations. Stanford: Stanford University Press, 2022.

GANSELL, Amy Rebecca; SHAFER, Ann (ed.). *Testing the Canon of Ancient Near Eastern Art and Archaeology.* New York: Oxford University Press, 2020.

GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures:* selected essays. New York: Basic Books, 1973.

GOMBRICH, Ernst H. *Art and illusion:* a study in the psychology of pictorial representation. 2nd rev. ed. Princeton: Princeton University Press, 1961.

GOODMAN, Nelson. *Languages of Art:* an approach to a theory of symbols. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Company, 1968.

GRESSMANN, Hugo. *Altorientalische Texte zum Alten Testament.* 2. Aufl. Berlin: De Gruyter, 1926.

GRESSMANN, Hugo. *Altorientalische Bilder zum Alten Testament.* 2. Aufl. Berlin: De Gruyter, 1927.

HARTENSTEIN, Friedhelm. Altorientalische Ikonographie und Exegese des Alten Testaments. *In*: KREUZER, Siegfried; VIEWEGER, Dieter (ed.). *Proseminar I Altes Testament:* Ein Arbeitsbuch. 2. Aufl. Stuttgart: Kohlhammer, 2005. p. 173-186.

HARTENSTEIN, Friedhelm. Iconicity of the Psalms. *Hebrew Bible and Ancient Israel,* Tübingen, v. 5, n. 4, p. 326-349, 2016.

HERRMANN, Christian. *Ägyptische Amulette aus Palästina / Israel:* Mit einem Ausblick auf ihre Rezeption durch das Alte Testament. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994.

HERRMANN, Christian. *Ägyptische Amulette aus Palästina/Israel II.* Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.

HERRMANN, Christian. *Ägyptische Amulette aus Palästina/Israel III.* Fribourg, Switzerland: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.

HERRMANN, Christian. *Ägyptische Amulette aus Palästina/Israel IV:* Von der Spätbronzezeit IIB bis in römische Zeit. Fribourg: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2016.

HOLLOWAY, Steven H. Expansion of the Historical Context of the Hebrew Bible/Old Testament. *In*: SÆBØ, Magne (ed.). *Hebrew Bible, Old Testament:* the history of its interpretation. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013. vol. III/1: The twentieth century, from modernism to post-modernism, The Nineteenth Century, p. 90-118.

HÖLSCHER, Tonio. *Visual power in ancient Greece and Rome:* between art and social reality. Oakland, California: University of California Press, 2018.

HÖLSCHER, Tonio. Leben mit Bildern: Skizze einer sozialgeschichtlichen Bildtheorie der Antike. *Distant Worlds and Beyond,* Heidelberg, n. esp. 3, p. 87-93, 2021.

HULSTER, Izaak J. de. *Illuminating Images:* an iconographic method of Old Testament exegesis with three case studies from Third Isaiah. 2008. 475 p. Tese (Doutorado em Teologia) – University of Utrecht, Utrecht, 2008.

HULSTER, Izaak J. de. *Iconographic exegesis and Third Isaiah.* Tübingen: Mohr Siebeck, 2009a.

HULSTER, Izaak J. de. Illuminating Images: a historical position and method for Iconographic Exegesis. *In*: HULSTER, Izaak J. de; SCHMITT, Rüdiger (ed.). *Iconography and Biblical studies:* proceedings of the iconography sessions at the joint EABS/SBL Conference, 22-26 July 2007, Vienna, Austria. Münster: Ugarit-Verlag, 2009b. p. 139-162.

HULSTER, Izaak J. de. What is an image? A basis for Iconographic Exegesis. *In*: HULSTER, Izaak J. de; SCHMITT, Rüdiger (ed.). *Iconography and Biblical Studies:* Proceedings of the Iconography Sessions at the Joint EABS/SBL Conference, 22-26 July 2007, Vienna, Austria. Münster: Ugarit-Verlag, 2009c. p. 225-232.

HULSTER, Izaak J. de. Ikonographische Exegese. *In:* WIBILEX, Stuttgart: Deutsche Bibel Gesellschaft, abr. 2011. Disponível em: http://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/14720/. Acesso em: 22 mar. 2023.

HULSTER, Izaak J. de; STRAWN, Brent A.; BONFIGLIO, Ryan P. Introduction: Iconographic Exegesis, method and practice. *In*: HULSTER, Izaak J. de; STRAWN, Brent A.; BONFIGLIO, Ryan P. (ed.). *Iconographic Exegesis of the Hebrew Bible/Old Testament:* An Introduction to Its Method and Practice. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015. p. 19-42.

JAPPY, Tony. *Introduction to Peircean visual semiotics.* London: Bloomsbury, 2013.

KEANE, Webb. Signs are not the garb of meaning: on the social analysis of material things. *In*: MILLER, D. (org.). *Materiality*. Durham: Duke University Press, 2005. p. 182–205.

KEEL, Othmar. *Zurück von den Sternen: Kritik und Situierung der These Erich von Dänikens:* unter Verwendung eines Aufsatzes von Sergius Golowin in der Neuen Zürcher Zeitung und eines Beitrags von Prof. Marcel Beck in der Weltwoche mit 15 Abbildungen im Text. Fribourg: Vlg Schweizerisches Katholisches Bibelwerk, 1970.

KEEL, Othmar. Die Weisheit spielt vor Gott. Ein ikonographischer Beitrag zur Deutung des məṣachäqät in Spr. 8,30f. *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie*, Freiburg, v. 21, n. 1-2, p. 1-66, 1974a.

KEEL, Othmar. *Wirkmächtige Siegeszeichen im Alten Testament:* Ikonographische Studien zu Jos 8, 18-26; Ex 17, 8-13; 2 Kön 13, 14-19 und 1 Kön 22, 11. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974b.

KEEL, Othmar. *Jahwe-Visionen und Siegelkunst:* eine neue Deutung der Majestätsschilderungen in Jes 6, Ez 1 und 10 und Sach 4. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1977a.

KEEL, Othmar. *Vögel als Boten:* Studien zu Ps 68, 12-14, Gen 8, 6-12, Koh 10,20 und dem Aussenden von Botenvögeln in Ägypten. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977b.

KEEL, Othmar. *Jahwes Entgegnung an Ijob.* Eine Deutung von Ijob 38-41 vor dem Hintergrund der zeitgenössischen Bildkunst. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1978.

KEEL, Othmar. *Das Böcklein in der Milch seiner Mutter und Verwandtes.* Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1980.

KEEL, Othmar. *Deine Blicke sind Tauben.* Zur Metaphorik des Hohen Liedes. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1984.

KEEL, Othmar. "Bibel und Ikonographie". Kleine Geschichte des Themas mit ein paar Bemerkungen zur Methode. *Bibel und Kirche*, Sttutgart, v. 40, n. 4, p. 143-147, 1985a.

KEEL, Othmar. Bildträger aus Palästina/Israel und die besondere Bedeutung der Miniaturkunst. *In*: KEEL, Othmar; SCHROER, Silvia. *Studien zu den Stempelsiegeln aus Palästina/Israel, Band I.* Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985b. p. 7-47.

KEEL, Othmar. Bibel, Ikonographie und katholische Exegese. *Bibel und Kirche*, Sttutgart, v. 41, n. 1, p. 41-42, 1986a.

KEEL, Othmar. A Stamp Seal Research Project and a Group of Scarabs with Raised Relief. *Akkadica*, Brussels, v. 49, p. 1-16, 1986b.

KEEL, Othmar. *Das Hohelied*. Zürich: TVZ, 1986c.

KEEL, Othmar. Früheisenzeitliche Glyptik in Palästina/Israel. *In*: KEEL, Othmar; SHUVAL, Menahem; UEHLINGER, Christoph. *Studien zu den Stempelsiegeln aus Palästina/Israel.* Band III. *Die Frühe Eisenzeit. Ein Workshop.* Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990a. p. 331-421.

KEEL, Othmar. Ptah aur Siegelamuletten aus Palästina/Israel. Einige Gesetzmässigkeiten bei der Übernahme von Motiven der Großkunst auf Miniaturbildträger. *In*: KIPPENBERG, Hans G. (ed.). *Genres in visual representations:* proceedings of a conference held in 1986 by invitation of the Werner-Reimers-Stiftung in Bad Homburg (Federal Republic of Germany). Leiden: E.J. Brill, 1990b. p. 199-232.

KEEL, Othmar. *Das Recht der Bilder gesehen zu werden:* Drei Fallstudien zur Methode der Interpretation altorientalischer Bilder. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992a.

KEEL, Othmar. Iconography and the Bible. *In:* FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Yale Dictionary.* New York: Doubleday, 1992b. v. 3, p. 358-374.

KEEL, Othmar. *The Song of Songs.* Minneapolis: Augsburg Fortress, 1994a.

KEEL, Othmar. Philistine "Anchor" Seals. *Israel Exploration Journal,* Jerusalem, v. 44, n. 1/2, p. 21-35, 1994b.

KEEL, Othmar. *Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament:* am Beispiel der Psalmen. 5. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.

KEEL, Othmar. Warum Sammlungen altorientalischer Miniaturkunst an einem Biblischen Institut? *In*: KEEL, Othmar; UEHLINGER, Christoph. *Altorientalische Miniaturkunst:* die ältesten visuellen Massenkommunikationsmittel; ein Blick in die Sammlungen des Biblischen Instituts der Universität Freiburg Schweiz. 2. Aufl. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997a. p. 9-23.

KEEL, Othmar; HALLETT, Timothy J. (ed.). *The Symbolism of the Biblical World:* Ancient Near Eastern Iconography and the Book of Psalms. Winona Lake: Eisenbrauns, 1997b.

KEEL, Othmar. Perspektiven der Forschung. *In*: KEEL, Othmar; UEHLINGER, Christoph. *Altorientalische Miniaturkunst:* die ältesten visuellen Massenkommunikationsmittel; ein Blick in die Sammlungen des Biblischen Instituts der Universität Freiburg Schweiz. 2. Aufl. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997c. p. 124-146.

KEEL, Othmar. *Corpus der Stempelsiegel-Amulette aus Palästina/Israel von den Anfängen bis zur Perserzeit.* Katalog Band I: Von Tell Abu Farağ bis ʿAtlit. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997d.

KEEL, Othmar. Die kultischen Massnahmen Antiochus' IV. Religionsverfolgung und/oder Reformversuch? Eine Skizze. *In*: KRAŠOVEC, Jože (ed.). *The Interpretation of the Bible:* the international symposium in Slovenia. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998. p. 217-242.

KEEL, Othmar. *Corpus der Stempelsiegel-Amulette aus Palästina/Israel von den Anfängen bis zur Perserzeit.* Katalog Band II: Von Bahan bis Tel Eton. Fribourg, Switzerland: Fribourg Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010a.

KEEL, Othmar. *Corpus der Stempelsiegel-Amulette aus Palästina/Israel:* Von den Anfängen bis zur Perserzeit: Katalog Band III: Von Tell el-Farʿa Nord bis Tell el-Fir. Fribourg, Switzerland; Fribourg Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010b.

KEEL, Othmar. *Corpus der Stempelsiegel-Amulette aus Palästina/Israel von den Anfängen bis zur Perserzeit.* Katalog Band IV: Von Tel Gamma bis Chirbet Husche. Fribourg, Switzerland: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.

KEEL, Othmar. *Corpus der Stempelsiegel-Amulette aus Palästina/Israel von den Anfängen bis zur Perserzeit.* Katalog Band V: Von Tell el-ʿIdham bis Kitan. Fribourg, Switzerland: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2017.

KEEL, Othmar; LIPPKE, Florian. *Studien- und Arbeitsblätter zum Corpus der Rollsiegel aus Palästina/Israel.* Freiburg CH: Privatdruck, 2016.

KEEL, Othmar; UEHLINGER, Christoph. *Gods, goddesses, and images of god in ancient Israel.* Edinburgh: T&T Clark, 1998.

KEEL, Othmar; UEHLINGER, Christoph. *Göttinnen, Götter und Gottessymbole.* Neue Erkenntnisse zur Religionsgeschichte Kanaans und Israels aufgrund bislang unerschlossener ikonographischer Quellen. 6. Aufl. Fribourg: Bibel+Orient Museum: Academic Press, 2010.

KLEIN CARDOSO, Silas. *A imagem se fez livro:* a materialidade da Torá e a invenção do aniconismo pós-exílico. 2015. 147 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

KLEIN CARDOSO, Silas. Religião do livro, não da leitura: concepções da Torá no Israel Antigo. *Pistis & Práxis*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 329-350, 2017.

KLEIN CARDOSO, Silas. *Redes mágico-míticas no alvorecer de Israel:* "religião" no platô de Benjamim no Ferro I-IIA. 2019. 450 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

KLEIN CARDOSO, Silas. Templos da Casa de Saul? Dissonâncias entre o registro bíblico e material. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 25, n. 2, p. 55-76, 2020.

KLEIN CARDOSO, Silas. Exegese Iconográfica: uma brevíssima introdução. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 26, p. 1-26, 2021a.

KLEIN CARDOSO, Silas. Para desvendar o mundo bíblico: entre linhas e pressupostos. *In*: LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo da Silva (ed.). *Para estudar a Bíblia:* abordagens e métodos. São Paulo: Recriar, 2021b. p. 83-111.

KLEIN CARDOSO, Silas. Sotaques do poder: recombinações visuais e os fundamentos do imaginário régio judaíta. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 26, p. 1-21, 2021c.

KLEIN CARDOSO, Silas. A casa de Saul e suas divindades. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 37, p. 289-305, dez. 2021d.

KLEIN CARDOSO, Silas. O exegeta como texto: Per/mutações do conceito de religião na História da Religião do Sul do Levante a partir da Escola de Friburgo. *In*: SOUZA, Sandra Duarte de (ed.). *Ciências da Religião e Teologia:* epistemologia, identidade e relações. São Paulo: Recriar, 2022. p. 201-235.

KLEIN CARDOSO, Silas. The Genesis of Iconographic Exegesis. *Currents in Biblical Research*, Thousand Oaks, v. 21, n. 2, p. 178-217, 2023a.

KLEIN CARDOSO, Silas. Loosening religion. O que torna um artefato "religioso" na história da religião sul-levantina? *Reflexão,* Campinas, v. 48, n. e237246, p. 1-21, 27 maio 2023b.

KLEIN CARDOSO, Silas. A Tale of Twelve Thousand Cards: Stamp Seals' Scholarship History with Social-Material Lenses. *Near Eastern Archaeology*, Chicago, v. 86, n. 4, p. 266-273, 1 dez. 2023c.

KLEIN CARDOSO, Silas. As formas das deusas da antiga Palestina/Israel: padrões de representação iconográfica de deusas no Período do Ferro. *Ribla*, Vitória, v. 92, n. 1, p. 75-94, 2024a.

KLEIN CARDOSO, Silas. *The Devoured Code: Southern Perspectives on Interartistic Approaches to the Bible*. 2024. xi+260. Tese (Livre-docência em Teologia Protestante, Antigo Testamento com foco no mundo bíblico) – University of Bern, Bern, 2024b.

KLEIN CARDOSO, Silas. Beyond the image-text divide: in search of a multidimensional approach to visual artifacts and biblical texts. *In*: BIERMANN, Bruno; KLEIN CARDOSO, Silas; PORZIA, Fabio; UEHLINGER, Christoph (ed.). *Challenging Dichotomies in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, no prelo.

KLETTER, Raz. *The Judean Pillar-Figurines and the Archaeology of Asherah*. Oxford: Tempus Reparatum, 1996.

KORPEL, Marjo C. A. Introduction to the Series Pericope. *In*: KORPEL, Marjo C. A.; OESCH, Josef M. (ed.). *Delimitation criticism:* a new tool in biblical scholarship. Assen: Van Gorcum, 2000.

KORPEL, Marjo C. A.; OESCH, Josef M. (ed.). *Delimitation criticism:* a new tool in biblical scholarship. Assen: Van Gorcum, 2000.

KORPEL, Marjo C. A.; OESCH, Josef M. *Studies in Scriptural Unit Division*. Assen: Van Gorcum, 2002.

KORPEL, Marjo C. A.; OESCH, Josef M. (ed.). *Unit delimitation in biblical Hebrew and Northwest Semitic literature*. Assen: Koninklijke Van Gorcum, 2003.

KORPEL, Marjo C. A.; OESCH, Josef M. (ed.). *Layout Markers in Biblical Manuscripts and Ugaritic Tablets.* Leiden : Brill, 2005.

KORPEL, Marjo C. A.; OESCH, Josef M.; PORTER, Stanley E. (ed.). *Method in unit delimitation*. Leiden: Brill, 2007.

KRESS, Gunther R.; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse:* the modes and media of contemporary communication. London: Oxford University Press, 2001.

LEMON, Joel M. *Yahweh's Winged Form in the Psalms:* Exploring Congruent Iconography and Texts. Fribourg, Switzerland: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010.

LEVINE, Emily J. *Dreamland of Humanists:* Warburg, Cassirer, Panofsky, and the Hamburg School. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

LOTMAN, Iuri Mihajlovič. *Universe of the mind: a semiotic theory of culture*. London: I.B. Tauris, 1990.

MCLUHAN, Marshall. *Understanding media:* the extensions of man. Berkeley: Gingko Press, 2013.

MEHRING, Hanna-Maria. Textabgrenzung und Kontexteinordnung. *In*: LAU, Markus; NEUMANN, Nils (ed.). *Das biblische Methodenseminar:* kreative Impulse für Lehrende. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2017. p. 44-62.

MITCHELL, William J. T. *Picture theory:* essays on verbal and visual representation. Chicago, London: University of Chicago Press, 1994.

MOOR, Johannes C. de. Micah 7:1-13: The Lament of a Disillusioned Prophet. *In*: KORPEL, Marjo C. A.; OESCH, Josef M. (ed.). *Delimitation criticism:* a new tool in biblical scholarship. Assen: Van Gorcum, 2000. p. 149-196.

MULLER, Béatrice. *Les maquettes architecturales du Proche-Orient ancien: Mésopotamie, Syrie, Palestine, du IIIe au milieu du Ier millénaire av. J.-C.* Beyrouth: Institut français d'archéologie du Proche-Orient, 2002.

MÜLLER, Marion G. Iconography and Iconology as a Visual Method and Approach. *In*: MARGOLIS, Eric; PAUWELS, Luc (ed.). *The SAGE handbook of visual research methods.* Los Angeles: SAGE, 2011. p. 283-297.

MULLER, Béatrice. *Maquettes antiques d'Orient: de l'image d'architecture au symbole.* Paris: Picard, 2016.

NEUMANN-GORSOLKE, Ute. *Wer ist der "Herr der Tiere"?* Eine hermeneutische Problemanzeige. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Theologie, 2012.

NÖTH, Winfried. *Handbook of semiotics.* Bloomington: Indiana University Press, 1990.

NÖTH, Winfried (ed.). *Semiotics of the media:* state of the art, projects, and perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

NÖTH, Winfried. On the transmodality of signs and their interpretants: Evidence from Peirce's MS 599, Reason's Rules. *Semiotica*, Berlin, v. 2019, n. 228, p. 223-235, 7 maio 2019.

OESCH, Joseph M. *Petucha und Setuma.* Untersuchungen zu einer überlieferten Gliederung im hebräischen Text des Alten Testaments. Freiburg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.

OESCH, Josef M. Skizze einer synchronen und diachronen Gliederungskritik im Rahmen der alttestamentlichen Textkritik. *In*: KORPEL, Marjo C. A.; OESCH, Josef M. (ed.). *Delimitation criticism:* a new tool in biblical scholarship. Assen: Van Gorcum, 2000. p. 197-229.

PANOFSKY, Erwin. *Meaning in the Visual Arts: Papers in and on Art History.* New York: Doubleday, 1955.

PENKOWER, Jordan. The Chapter Divisions in the 1525 Rabbinic Bible. *Vetus Testamentum*, Leiden, v. 48, n. 3, p. 350-374, 1998.

PENKOWER, Jordan. Verse divisions in the Hebrew Bible. *Vetus Testamentum*, Leiden, v. 50, n. 3, p. 379-393, 2000.

PERSON, Raymond F.; REZETKO, Robert. Introduction: The importance of Empirical models to assess the Efficacy of source and redaction criticism. *In*: PERSON, Raymond F.; REZETKO, Robert (ed.). *Empirical models challenging biblical criticism.* Atlanta: SBL Press, 2016. p. 1-35.

POSNER, Roland. What is Culture? Toward a Semiotic Explication of Anthropological Concepts. *In*: KOCH, Walter A. (ed.). *The Nature of culture:* proceedings of the International and Interdisciplinary Symposium, October 7-11, 1986 in Bochum. Bochum: Studienverlag N. Brockmeyer, 1989. p. 240-295.

PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern texts:* relating to the Old Testament. 3rd ed. Princeton: Princeton university press, 1969a.

PRITCHARD, James B. *The Ancient Near East in Pictures Relating to the Old Testament*. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969b.

RAMPLEY, Matthew. Bildwissenschaft: Theories of the Image in German-Language Scholarship. *In*: RAMPLEY, Matthew; LENAIN, Thierry; LOCHER, Hubert; PINOTTI, Andrea; SCHOELL-GLASS, Charlotte; ZIJLMANS, C. J. M. Kitty (ed.). *Art History and Visual Studies in Europe:* Transnational Discourses and National Frameworks. Leiden: Brill, 2012. p. 119-134.

RENZ, Thomas. *Colometry and Accentuation in Hebrew Prophetic Poetry*. Kamen: Hartmut Spenner, 2003.

SAARI, Saana. *Lions and images in narratives:* Judges 14, 1 Kings 13:11-32 and Daniel 6 in the light of near Eastern iconography. 2020. 188 p. Tese (Doutorado em Teologia) – University of Helsinki, Helsinki, 2020.

SACHS-HOMBACH, Klaus. *Das Bild als kommunikatives Medium Elemente einer allgemeinen Bildwissenschaft.* 3. Aufl. Köln: Herbert von Halem, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos:* semiose e autogeração. São Paulo: Editora Atica, 1995.

SANTAELLA, Lucia. *Charles Sanders Peirce Excertos.* São Paulo: Paulus, 2020.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker, 2004.

SCHIRRA, Jörg R. J.; SACHS-HOMBACH, Klaus. To Show and To Say: Comparing the Uses of Pictures and Language. *Studies in Communication Sciences*, Zurich, v. 7, n. 2, p. 35-62, 2007.

SCHOLZ, Oliver Robert. When is a Picture? *Synthese*, New York, v. 95, p. 95-106, 1993.

SCHOLZ, Oliver Robert. A Solid Sense of Syntax. *Erkenntnis*, New York, v. 52, p. 199-212, 2000.

SCHROER, Silvia. Ikonographie, Biblische. *In:* GÖRG, Manfred; LANG, Bernhard (ed.). *Neues Bibel Lexikon*. Zürich: Benziger, 1995. v. 2, p. 219-226.

SCHROER, Silvia. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient.* Eine Religionsgeschichte in Bildern II: Die Mittelbronzezeit. Fribourg: Academic Press, 2008.

SCHROER, Silvia. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient.* Eine Religionsgeschichte in Bildern III: Die Spätbronzezeit. Fribourg: Academic Press, 2011.

SCHROER, Silvia. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient.* Eine Religionsgeschichte in Bildern IV: Die Eisenzeit bis zum Beginn der achämenidischen Herrschaft. Basel: Schwabe, 2018.

SCHROER, Silvia; KEEL, Othmar. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient.* Eine Religionsgeschichte in Bildern I: Vom ausgehenden Mesolithikum bis zur Frühbronzezeit. Fribourg, Switzerland: Academic Press, 2005.

SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Body symbolism in the Bible*. Collegeville: Liturgical Press, 2001.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica.* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

SILVA, Fernando Cândido. *Uma aliança abominável e per/vertida?:* anotações subalternas sobre o arquivo deuteronômico. 2011. 331 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

STAMP seals from the Southern Levant. *Corpus of Stamp Seals from the Southern Levant*. Zurique; Berna; Tel Aviv, 2023. Banco de dados digital. Disponível em: http://levantineseals.org/. Acesso em: 6 abr. 2023.

STAUBLI, Thomas. The "Pagan" Prehistory of Genesis 22: 1-14: The Iconographic Background of the Redemption of a Human Sacrifice. *In*: HULSTER, Izaak J. de; STRAWN, Brent A.; BONFIGLIO, Ryan P. (ed.). *Iconographic Exegesis of the Hebrew Bible/Old Testament:* An Introduction to Its Method and Practice. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015a. p. 77-102.

STAUBLI, Thomas. Ikonographische Quellen als Grundlagenmaterial für die Rekonstruktion anthropologischer Themen der Südlevante. *In*: OORSCHOT, Jürgen van; WAGNER, Andreas (ed.). *Anthropologie(n) des Alten Testaments*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2015b. p. 241-264.

STECK, Odil Hannes. *Old Testament exegesis:* a guide to the methodology. 2nd ed. Atlanta: Scholars Press, 1998.

STÖCKL, Hartmut. Multimodality and mediality in an image-centric semiosphere: a rationale. *In*: THURLOW, Crispin; DÜRSCHEID, Christa; DIÉMOZ, Federica (ed.). *Visualizing digital discourse:* interactional, institutional and ideological perspectives. Berlin: De Gruyter Mouton, 2020. p. 189-202.

STRAWN, Brent A. *What is Stronger than a Lion?* Leonine Image and Metaphor in the Hebrew Bible and the Ancient Near East. Fribourg, Switzerland: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2005.

TIGAY, Jeffrey H. (ed.). *Empirical Models for Biblical Criticism.* Eugene: Wipf & Stock, 1985.

TOORN, Karel van der. The Iconic Book: Analogies between the Babylonian Cult of Images and the Veneration of the Torah. *In*: TOORN, Karel van der (ed.). *The image and the book:* iconic cults, aniconism, and the rise of the book religion in Israel and the ancient Near East. Leuven: Peeters, 1997. p. 229-248.

TOV, Emanuel. Sense divisions in the Qumran texts, the Masoretic Text, and ancient translations of the Bible. *In*: KRAŠOVEC, Jože (ed.). *The Interpretation of the Bible:* the international symposium in Slovenia. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998. p. 121-146.

UEHLINGER, Christoph. Northwest Semitic Inscribed Seals, Iconography and Syro-Palestinian Religions of Iron Age II: Some Afterthoughts and Conclusions. *In*: SASS, Benjamin; UEHLINGER, Christoph (ed.). *Studies in the Iconography of Northwest Semitic Inscribed Seals*. Fribourg, Switzerland: University Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993. p. 257-288.

UEHLINGER, Christoph. Bildquellen und "Geschichte Israels": Grundsätzliche Überlegungen und Fallbeispiele. *In*: HARDMEIER, Christof (ed.). *Steine, Bilder, Texte:* historische Evidenz ausserbiblischer und biblischer Quellen. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2001. p. 25-77.

UEHLINGER, Christoph. Neither eyewitnesses, nor windows to the past, but valuable testimony in its own right. Re-marks on iconography, source criticism, and ancient data processing. *In*: WILLIAMSON, H. G. M. (ed.). *Understanding the history of Ancient Israel.* Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 173-228.

UEHLINGER, Christoph. Gott oder König? Bild und Text auf der altbabylonischen Siegesstele des Königs Dāduša von Ešnunna. *In*: BAUKS, Michaela; LIESS, Kathrin; RIEDE, Peter (ed.). *Was ist der Mensch, dass du seiner gedenkst? (Psalm 8,6)*. Aspekte einer theologischen Anthropologie. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2008. p. 515-536.

UTZSCHNEIDER, Helmut; NITSCHE, Stefan Ark. *Arbeitsbuch literaturwissenschaftliche Bibelauslegung:* eine Methodenlehre zur Exegese des Alten Testaments. 3. Aufl. Güthersloh: Kaiser, Gütherslohe Verl.-Haus, 2008.

VEEN, Peter VAN DER. *Dating the Iron Age IIB archaeological horizon in Israel and Judah.* Münster: Zaphon, 2020.

WAGNER, Thomas. Jesaja 6 im Spiegel altsyrischer Rollsiegel. Eine formkritische Annäherung. *Biblische Notizen. Neue Folge*, Freiburg, v. 185, p. 55-75, 2020.

WATTS, James W. The Three Dimensions of Scripture. *In*: WATTS, James W. (ed.). *Iconic books and texts*. Sheffield: Equinox, 2013. p. 9-32.

WATZINGER, Carl. *Tell el-Mutesellim: Band II:* Die Funde. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung,

WEBER, Ralph. *Tertium comparationis:* Vergleichende Philosophie und Philosophie des Vergleichs. 2014. 358 p. Tese (Livre-docência em Filosofia) -- Universität Zürich, Zürich, 2014.

WEISSENRIEDER, Annette; WENDT, Friederike. Images as communication. The methods of iconography. *In*: WEISSENRIEDER, Annette; WENDT, Friederike; GEMÜNDEN, Petra von (ed.). *Picturing the New Testament:* studies in ancient visual images. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 3-49.

WEISSENRIEDER, Annette; WENDT, Friederike; GEMÜNDEN, Petra von. Preface. *In*: WEISSENRIEDER, Annette; WENDT, Friederike; GEMÜNDEN, Petra von (ed.). *Picturing the New Testament:* studies in ancient visual images. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 3-49.

WINKLER, Hartmut. *Basiswissen Medien*. Frankfurt am Main: Fischer-Taschenbuch-Verl, 2008.

WINTER, Urs. *Frau und Göttin:* Exegetische und ikonographische Studien zum weiblichen Gottesbild im Alten Israel und in dessen Umwelt. 2. Aufl. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.

WYSSMANN, Patrick; SCHROER, Silvia. The Imagery of Palestine/Israel between East and West. A History of Religion Based on Pictures from the Persian to the Hellenistic Period. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, Tübingen, v. 8, n. 2, p. 184-202, 2019.

ZIELINSKI, Siegfried; WEIBEL, Peter (ed.). *Flusseriana: an intellectual toolbox.* Minneapolis: Univocal, 2015.